

VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

A PASCOA NAO GOZA SO DA TRADIÇÃO DAS AMÊNDOAS: HÁ TAMBÉM OS OVOS DE CHOCOLATE E DE MASSA COBERTA DE ACÚCAR E QUE SÃO A TENTACÃO DA PETIZADA...

ANO IV-N.º 202 29 DE MARÇO DE 1945
PREÇO AVULSO 1\$80



UM LINDO SONHO DE MULHER...



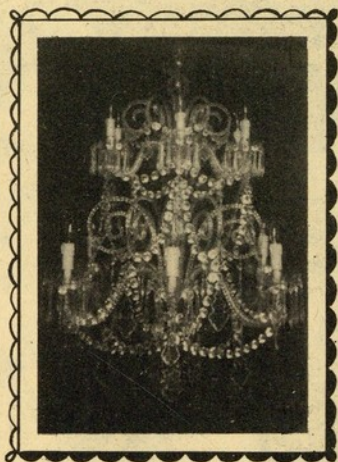
...POSSUIR UMA COSINHA MODERNA COMPLETA

DA

FABRICA PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 37-49 - TELE. 2 4948

★ LUSTRES ★



APLIQUES ★ CASTIÇAIS ★ ABAT-JOURS ★ CANDELABROS ★ CANDIEIROS DE MESA ★ RESTAURAÇÕES

J. R. de Brito
FABRICANTE

R. LUIZA TODI, 2 (ÁR. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497

prefira
SHEAFFER'S

a caneta de tinta permanente de fama mundial



use

Skrip

O SUCESSOR DA TINTA

DISTRIBUIDOR PARA PORTUGAL:
AZEVEDO & DUARTE, L.^{DA}
RUA DO CRUCIFIXO, 76, 1.º - LISBOA - TELEF. 26227



5 POETAS EVOCADOS NA CASA DE JOÃO DE DEUS



A iniciativa pertence ao sr. dr. João de Deus Ramos, filho do poeta e autor da «Cartilha Maternal»: fazer evocar no Museu João de Deus alguns nomes que emparceiram na poesia com o autor do «Campo das Flores». Para tanto, nenhum local mais próprio. Para este local, nenhuma outra iniciativa, poderia tocar melhor de simbolismo a memória daqueles que foram a expressão mais pura e nobre do estro lusitano — ainda mesmo quando esse estro vem pela inspiração de um Bilac e é brasileiro o bêrço da poesia. A iniciativa é feliz. E para lhe dar maior interesse, foi o sr. dr. Joaquim Manso quem abriu a série de conferências, ilustradas, desta vez, com recitações de Dulce de Oliveira, Luís Filipe e acompanhamentos musicais da harpista Hermínia Rosensstock. A esta conferência, que foi brilhante, outras se seguirão, com o mesmo cunho intelectual, para lembrar, ainda, Eugénio de Castro, Cesário Verde e Augusto Gil. Para falar de tão altos nomes, outros altos nomes se ouvirão: João de Barros, Dr. João de Deus Ramos e Vitorino Nemésio. Ribeiro Couto, por sua vez, falou no último sábado, como só ele o saberia fazer, do seu compatriota Olavo Bilac.

AGUARELA BAIRRISTA



minha caridosa vizinha Felicidade deixou fugir o canário. Foi uma verdadeira revolução na pacatez do burgo, com magotes de povoléu, de mãos na ilharga, a discutir, na rua, o atrevimento do gatorro, o «Tigre», corpulento felino de olhos pardos e pêlo negro e luzidio, por mágicas artes libertador do inocente pássaro.

A caridosa Dona Felicidade, toda a manhã, desgrenhada, em erobe-de-chambre, com os olhos congestionados, dum pliegas choro, não fez outra coisa que contar, da janela abaixo, minuciosamente, com gestos teatrais, a maneira como aquilo correrá. Ela levantara-se cedo — até tinha dito à sobrinha: «Vai tomar o café enquanto vou dar o grelhinho ao canário!». Deixara, com essa idéia, a gaiola em cima do parapeto da janela, e, muito descansada, foi ao quintal colher um olhinho de alface. Quando chegou, porém, ficou estarecida diante do espectáculo. O «Tigre», muito mansamente, rastejando, subira para a janela e, com a pata, aquelas unhas aduncas que, por mais duma vez se cravaram nos brancos do Tonecas, só porque éle lhe puxava o rabo, abriu a portinha da gaiola. O canário — zás! — livre, deu primeiro um vôo leve, indeciso e trémulo para o rebordo do murito, mas depois, confiado na liberdade, bateu as asas e anichou-se por aí entre as frondosas árvores dos jardins.

Na rua, a vizinhança benzia-se. Se já se vira uma coisa assim! O falatório crescia. Gente atarefada, ao passar, indagava. E aquelas santas bocas, muito compassadas, muito descansadas, com a história, com o «Tigre» e a Dona Felicidade. Diziam, repetiam, tornavam à guiza com o canário. Um respeitável cavalheiro parou, também, embacado, a ouvir, e no meio do mulherio, entre crianças curiosas e de ranho no nariz, agarradas com desespero aos saiotes sujos das mães — dizia que a «éle», a «éle» próprio já lhe acontecera o mesmo, não com um canário, não com um gato, mas com um pombo e uma cadela.

Dáí a pouco, a gente que passava engrossou o ajuntamento, fêz-se uma roda densa, compacta. Um «parólos» de bota cardada e bochechas a rebentar de pasmeira, queria ver o «Tigre», e uma pobre velhota, muito curvada, vestidinha ao tempo da rainha Carlota Joaquina, puxou logo o neto, não viesse o bicho, o «Tigre» ou o que era...

O côro aumentava. A ti'Ana, coscuvilha-mor,

mulher de armas, achou bem uma caçada ao gato. As outras fizeram com a cabeça um sinal de aprovação. E tôdas, à uma, voltaram-se para a janela da caridosa Dona Felicidade a indagar daquela feliz e justiciera idéia. Mas a caridosa senhora não achava bem. Para quê matar o bicho?! Não se remediava nada! Dar-lhe uma grande sova, isso sim! Uma valente sova com um pau, que ficasse sem pernas, sem espinha, para nunca mais ter manhas de roubar canários.

A vizinhança concordou plenamente. Sovava-se o gato; onde se visse o «Tigre» era pedrada que fervece, pontapé, murro, tudo até o deixar pelos portais estoirado, com a língua de fora, rosando fundo, cansado, com os olhos infectados de sangue. O «Tigre» não tinha dono. Aparecera por ali, pelos quintais, vagabundo das noites, dormindo estirado, numa réstea de sol, com o focinho pejado de mósca. Era um filósofo da liberdade. E a sua acção, libertando o canário, provou-o acima de tudo.

E o povoléu abalou, à procura do «Tigre» para lhe dar o justo castigo — por uma acção tão boa...

MANUEL MARTINHO



UM ARTISTA DE COIMBRA

HÉBIL é um nome que aparece agora. Vem de Coimbra, onde tem já o seu público fiel e traz consigo uma grande bagagem: quadros de tintas escuras, um mundo de gente humilde a debata-se nos seus problemas de angústia. Depois de ter passado por Lisboa — onde, supomos, nunca expôs — Hébil vai a Beja, onde está a ser aguardado com interesse.

PÁSCOA

PÁSCOA — do hebraico — é a passagem de alguma coisa, uma renovação de vida, um refazer de vontades e ideais. Os cristãos consagram-na a Cristo. Festejam nela a ressurreição do seu Deus — a passagem da morte para a vida. E celebram-na, sempre, no 1.º domingo, depois da primeira lua-cheia — aquela que se segue ao equinócio da Primavera e que sempre cai entre os dias 21 de Março e 26 de Abril.

Isto, na liturgia cristã. As palavras, porém, são de uma volubildade incrível e têm o ímpudor de se prestar a todos os sortilégios. E aí temos, então, a Páscoa — a passagem — agente de outras funções e simbolismo de outra religião. De facto, os judeus também têm a sua Páscoa, para assinalar a sua saída do Egipto, com passagem pelo Mar Vermelho. Para eles, aliás, o simbolismo atinge, ainda, outra feição: a passagem do anjo exterminador que, na noite da sua partida do Egipto, matou todos os primogénitos egípcios.

Todos — mas sem tocar nas casas dos israelitas, marcadas com o sangue do cordeiro, por ordem de Moisés sacrificado e comido...

Como se vê, as palavras gostam às vezes de jogar com um duplo sentido — e, nestas coisas litúrgicas, não há leis nem usanças que não se filiem sempre num preceito mais antigo do que outro.

De qualquer modo, porém, tomando a palavra no seu simbolismo mais espiritual — Páscoa é a passagem da morte para a vida. Portanto, que ressurgam com esta Páscoa de 1945 as flores da paz, da concórdia e da abundância. Com elas, o mundo será feliz — e os sinos que repicarem para celebrar o fim da guerra, há-de ser ao mesmo tempo uma hossana que hoje não representam. Para aqueles que não são cristãos nem israelitas, a Páscoa adquiriu um simbolismo pagão, festivo e alvissareiro; vem aí a natureza pejada de frutos bons, dobrada ao péso da abundância dos campos... Alegria-vos, corações, repical alegremente, oh! sinos portugueses, em cada canto da serra, em cada pedra cimeira dos campanários da ermida...

Páscoa — ressurreição da vida! Que assim seja e que ao menos, por um momento, do campo de batalha se erga cada soldado morto e proclame: bendita a hora em que morremos, porque aqueles que viveram honraram a memória e os ideais dos imolados!

TOQUIO

A CAPITAL DO JAPÃO SOB AS BOMBAS ALIADAS

A «Frente Esquecida» — a do Pacífico — está agora no sentido de todos. Não são somente os americanos a bater-se: é toda a comunidade britânica, são os franceses, ao lado de holandeses, é todo o mundo aliado em luta contra o Japão — dentro e fora das suas próprias fronteiras. Tóquio, a capital do Império do Sol Nascente, está a sofrer ataques que nunca se sabe quando são mais fortes, quando vêm com mais frequência nem quando causam maior número de mortes ou de destruições de fábricas. Hoje, os Aliados vão a Tóquio — e os americanos tinham jurado esta vingança, quando fez o ataque a Pearl-Harbour — com a mesma facilidade com que vão ali a Berlim.

Eis o que era Tóquio antes dos grandes e recentes ataques aéreos — uma Tóquio menos oriental e casas de papel, do que pode supor-se. Não haverá aqui arranha-céus. Mas as casas tipo americano também aqui fizeram a sua propaganda



1 As pontes sobre o rio Sumida. Mukojima é o nome dado à margem oriental, incluindo o parque Sumida. O rio Sumida corre pelo centro da cidade.

2 O bairro comercial, a estação dos Caminhos-de-Ferro e o Correio Geral.

3 Tóquio, o alvo dos ataques das super-fortalezas voadoras. Uma vista de Ginza, o centro comercial.

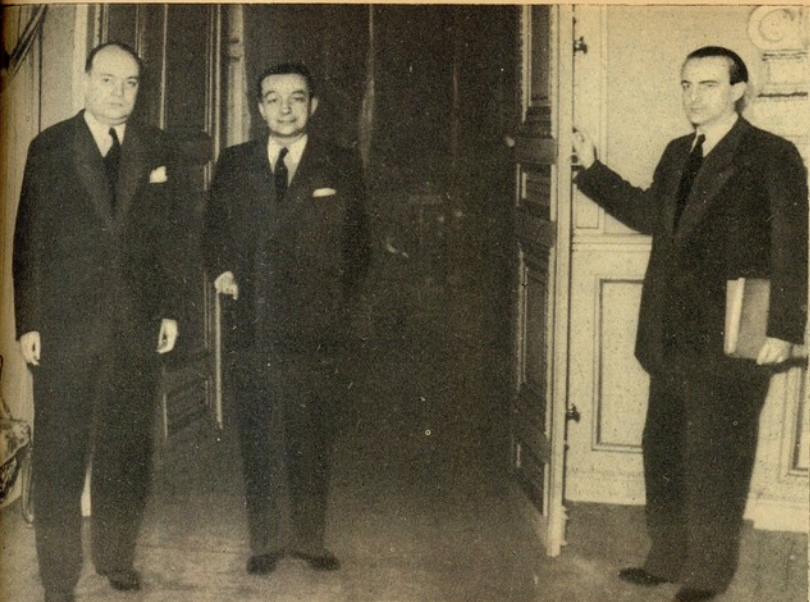
4 Vista parcial da capital nipônica. Ao longe o bairro comercial.



UM CAMINHO PARA DUAS PÁTRIAS

a França e a Bélgica voltam a procurar os caminhos do passado, para as suas relações económicas e políticas. Ainda recentemente, o sr. Bidault um antigo professor do liceu de Lyon que reata a velha tradição de dar à França os seus mais hábeis ministros dos Negócios Estrangeiros — recebeu, no Quai d'Orsay o ministro belga da mesma pasta, sr. Spaak, que foi a Paris tratar de assuntos vitais para o futuro das duas nações de afinidades íntimas.

É AQUI, EM S. FRANCISCO QUE VAI DECIDIR-SE O FUTURO DO MUNDO?



SÃO FRANCISCO da Califórnia, designada na conferência de Yalta para ponto de reunião dos representantes das Nações Unidas, é uma grande cidade, com os seus arranha-céus, as suas grandes pontes, importante centro comercial do Pacífico e casas para um milhão e quinhentas mil pessoas — que tantas são as que ali residem.

Dentro de pouco tempo — a conferência foi marcada para Março — à roda de uma mesa, sentar-se-ão representantes de cerca de cinquenta países, que tantos são os que lutam contra a Alemanha e o Japão. E à volta dessa mesa, num palácio que ficará histórico, serão decididas muitas coisas que irão traçar o destino deste mundo atribulado e o futuro das nações.





STOKOWSKI

O MAESTRO DAS MÃOS FOTOGENICAS

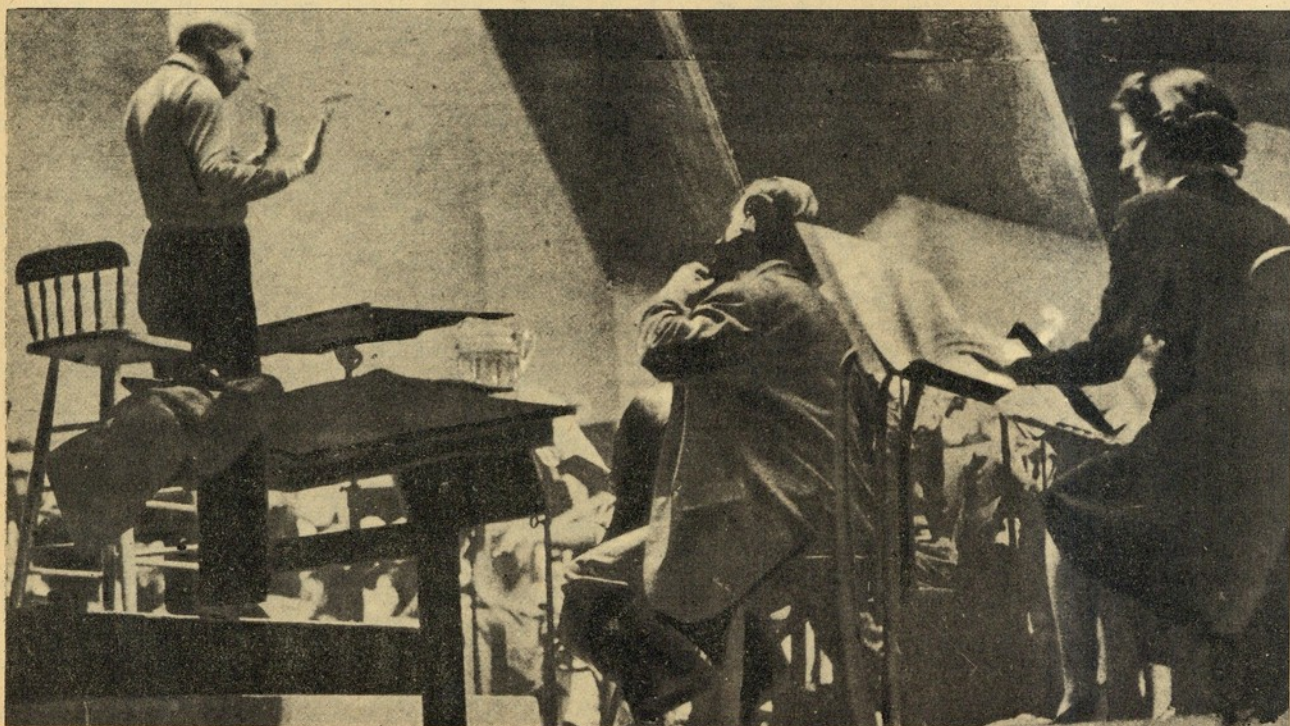
MUITOS têm sido os países que consideram Leopold Stokowski seu filho. Mil e uma controvérsias, disputas, boatos sobre o dinâmico maestro americano lhe têm garantido uma posição única no mundo dramático da música. Realmente, há nele algo de extraordinário: uma genial e original execução das peças que interpreta; uma personalidade inconfundível — temperamento, enfim.

De um momento para o outro tornou-se estrela de Hollywood, e é consagrado pelo mesmo público que aplaude os jovens galãs da tela mágica. Não precisa de falsa publicidade. Imprevistamente, emociona o mundo com os seus amores com Greta Garbo que, dizia-se, ia tornar-se a «divina» Madame Stokowsky.

Nunca, nos meios da arte, uma notícia mereceu tanta discussão. Mas, no fim, não aconteceu nada. E os dois continuariam apenas bons amigos...

Mistério igual envolve a origem do grande maestro. Segundo ele, nasceu na América, de família emigrada do Polónia — o que para ele é motivo de orgulho. Mas não falta quem também diga que Stokowsky nasceu em Londres, em 1887, e que o seu verdadeiro nome é Stokes. De um modo ou de outro, porém, o que é verdade é que foi em Londres que estudou música, depois da sua formatura em Oxford, e que se apresentou pela primeira vez em público como organista da igreja de S. Jaime, no Piccadilly.

O cetro empunhado por Toscanini, o maior maestro do mundo inteiro, passará um dia para as mãos de Stokowsky. Entretanto, este continuará a excitar e encantar os auditórios de todos os países, através dos seus discos, filmes e emissões de rádio, não contando com meia dúzia de privilegiados que podem acorrer aos seus concertos com a Orquestra Filarmónica de Filadélfia, que exclusivamente lhe pertence.



PARA A SUA CURIOSIDADE

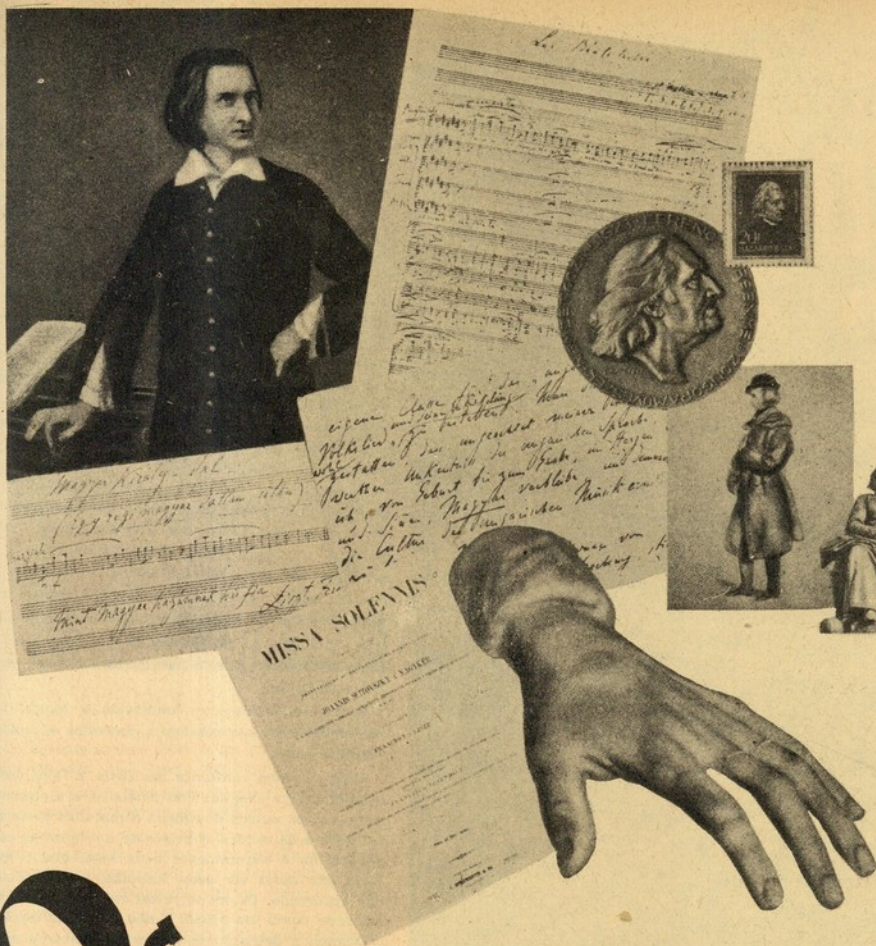
A EVOCAÇÃO DUM GÊNIO



M dos génios que encheram o século XIX — o tal «estúpido século XIX»... — foi o de François Liszt, que, com Berlioz e Wagner pode considerar-se um dos três maiores compositores românticos e um dos maiores pianistas de todos os tempos. Esta foto é uma homenagem ao genial artista das «Rapsódias Húngaras», e nela oferecemos aqueles dos nossos leitores que nem só com os «tanks» e os aviões se preocupam, uma colectânea de preciosidades intimamente ligadas à vida de François Liszt.

Ao alto, um retrato do artista, assinado por Nicolau Barbás; em baixo, o Hino Real Húngaro, com a sua dedicatória autografada; um fragmento das «Beatitude»; uma carta em que o artista reivindica para si a nacionalidade húngara, afirmando-se «magyar»; o frontespício da «Missa Solene»; moldagem em gesso da mão do artista; a estátua de Liszt na fachada da Academia de Música de Budapeste, executada por Alois Stroh; o artista com o traje nacional húngaro, numa litografia de 140; Medalha do Prémio Liszt de 140; Medalha do Prémio Liszt (prémio internacional de piano), executada por José Renenyi; e por último, um selo postal húngaro, impresso em memória do genial compositor.

Perante estas imagens todos nós sentimos — aqueles de nós para quem Liszt quer dizer alguma coisa... — uma profunda emoção, quasi religiosa, pois elas nos recordam a vida, a intimidade e a Arte do incomparável génio que legou à humanidade um dos seus maiores tesouros — a sua obra.



OS OVOS DA PÁSCOA

NAS aldeias alemãs, o povo tem as suas crenças e credências. E, assim, acredita que os ovos pintados da Páscoa — depois de cozidos — podem dar felicidade e tornar a arca próspera. Quem não conhece as lendas do nosso povo, por ocasião do São João? As raparigas gostam de encostar os seus sonhos e as suas esperanças a alguma força sobrenatural — talvez porque assim sintam reforçada a sua crença na felicidade. Depois, os ovos caprichosamente pintados, servem também para presentear as amigas por ocasião da Páscoa, tal e qual nós nos presenteamos com amêndoas.



OS CIVIS AMERICANOS FAZEM ECONOMIA DE FAZENDA...

AQUI está o último modelo apresentado pelos civis americanos — ou seja, a sua contribuição para a economia de guerra. Foram os alfaiates que lançaram a idéia e, pelos vistos, obtiveram o aplauso dos muitos milhões de «yankees». Com as notas elucidativas que juntamos ao modelo — não precisa a foto de comentários. Vamos a ver como reagem os «meninos pipis» do Chiado e Ilhas adjacentes... Quanto a nós, que andamos sempre às aranhas por causa de não sabermos onde metemos a caixa de fósforos, achamos bem que se suprimissem duas algibeiras. Assim, é escusado fazer ficheiro para os objectos espalhados pelos bolsos. E, por outro lado, aprovamos o modelo das calças: nós, homens, também temos o direito de fazer vislumbrar a plástica da perna...





O CADAVER DE UM CIVIL EXPOSTO NA PRAÇA PÚBLICA DE UMA ALDEIA PERTO DO «FRONT». AO FUNDO, NUMA PLACA, LIA-SE: FUSILADO POR TER SIDO ENCONTRADO COM ARMAS E MUNIÇÕES, NÃO OBSTANTE AS ORDENS DAS AUTORIDADES MILITARES FRANCESAS.

(Foto interdita pela censura francesa de 1914)

a

ANTES de abordar a espionagem contemporânea, os seus métodos e as suas manhas, que, como veremos, apresentam por vezes um interesse apaixonante tanto pela audácia como pelo engenho, digamos algumas palavras sobre este precedente de guerra considerado sob o ponto de vista moral.

E, antes de tudo, a condenação célebre de Montesquieu:

«A espionagem não é nunca tolerável; se ela pudesse ser aceitável, seria exercida por gente de bem; mas a infâmia necessária na pessoa logo sugere a infâmia do officio».

A implacável apreciação do autor do «Espírito das Leis», faltam, evidentemente, pormenores, pecando,

também, pelo seu carácter absoluto — pois há mil pormenores de circunstância naquilo a que chamamos a ética da espionagem, tal como ela se concebe e se pratica nos nossos dias.

É verdade que Montesquieu emitiu aquêl julgamento numa época em que a espionagem não se concebia sob outra forma que não fosse a que êle próprio nos descreve nesta página não menos célebre:

«Observar até nos mais insignificantes pormenores a situação de um homem junto de quem um título falso vos acredita, insinuar-se na sua intimidade, provocar as suas confidências e depois ir relatar tudo, vender tudo a quem vos tiver encarregado dessa missão vergonhosa, tal é o papel do espião. nós diríamos quasi tal é o seu dever, se não tivéssemos recelo de profanar a nobreza da palavra».

Julgamento severo, excessivamente absoluto ainda uma vez, pois foi emitido num século que não conheceu senão o espião mercenário, o «bufo» assalariado, cujos processos de trabalho não concebiam nenhuma outro meio de exequibilidade além da traição. Mas a espionagem evoluiu tanto na mentalidade

de certos homens que a praticam nos nossos dias com um espirito de total desinteresse, que o seu quadro de actividade se alargou muito para além do infamante processo da confiança surpreendida e da amizade traída.

Achamos também conveniente opôr às definições de Montesquieu a de um homem do século XX que, tanto como o autor do «Espírito das Leis» tem o culto da honra e um conhecimento profundo da questão. Referimo-nos a «Sir» Basil Thompson, que durante a guerra de 1914-1918 exerceu em Londres as funções de chefe do «Intelligence Services». Vejamos como se exprime «Sir» Basil Thompson:

—«Se um indivíduo se envilece ao praticar a espionagem, isso resulta dos fins que tem em vista e dos processos que escolhe para executar a sua missão. Se êle age com o espirito de servir a pátria, se executa o seu perigoso dever com risco da própria vida, sem intenção de lucro, se não desce a criar relações de amizade somente para a traír, se conserva a alma e as mãos limpas como foi o caso, entre poucos, de Hans Lody, que executamos há dias — nada há de degradante nessa actividade».

Hans Lody, a quem se refere «Sir» Basil Thompson, era um oficial da marinha de guerra imperial alemã, a quem o Estado-Maior de Guilherme II pediu para se introduzir num porto inglês para aí surpreender certos segredos militares ligados aos seus conhecimentos especializados. Sabendo todo o perigo dessa missão, o oficial germânico aceitou-a com a única condição de, no caso de não regressar, o Reich assegurar uma renda de três mil libras a sua mulher e a seus filhos.

Prêso, identificado e condenado à morte, Lody, na véspera da sua execução, escreveu à mulher a seguinte carta:

«Pus a minha confiança em Deus, e Deus decidiu. A minha hora chegou. Vou partir para a eternidade, como tantos outros dos meus camaradas nesta terrível guerra de nações. A morte de um herói no campo de batalha é seguramente mais bela, mas a minha sorte não devia ser essa. Amanhã, serei fuzilado e não enforcado. Os meus juizes mostraram-se justos: morrerrei como um oficial e não como um espião».

Quando o delegado do Governador entrou na cela do condenado, na manhã do fuzilamento, Lody disse-lhe:

—Calcule que não lhe agradará apertar a mão de um espião.

O oficial britânico estendeu-lhe a mão e replicou comovido:

—Com efeito... Mas apertarei contente a mão do homem que você é.

No seu trabalho célebre, «Secret Service», o general «Sir» George Aston, cavaleiro da Ordem do Banho, rendeu a Lody esta homenagem: «Espião de guerra, intrometeu-se entre nós por patriotismo. Era um belo carácter e a dura necessidade de o executar a bem da segurança do Reino Unido foi encarada como absolutamente trágica».

Não é verdade que um Hans Lody está longe do espião tal como Montesquieu o concebia? Igualmente longe estão muitos outros homens, pertencendo às nações mais diversas e que, na guerra de 1914 como na presente, se alistaram nos exércitos de espionagem sem outro fim além de pôr ao serviço das suas pátrias a sua coragem e habilidade.

Parece-nos conveniente fazer uma distinção muito clara entre o espião de guerra — que é quasi sempre um herói — e o espião de paz que é, na maioria dos casos, um «bufo» profissional, mantido pelo fundo secreto do Estado para o qual trabalha.

É certo que mesmo estes agentes fazem espionagem. Os homens que qualquer Estado em guerra faz descerem em paraquedas na retaguarda das linhas inimigas com a missão de surpreender, com risco das suas vidas, as manobras dêsse inimigo, parecem-nos, perante a bravura dêsses agentes que sabem que serão imediatamente fuzilados se forem surpreendidos, injusto dar-lhes o epíteto de espião no sentido pejorativo do termo.

E a palavra «espião» perde toda a aparência infamante desde que, por falta de outra, temos de aplicá-la, por exemplo, ao herói belga cuja história vamos contar em poucas linhas.

Em 1916, quando o exército alemão ocupou a Bélgica e transformou o porto flamengo de Zeebrugge

2

ESPIÕES DE GUERRA A ESPIONAGEM PERANTE A MORAL POR PIERRE GOEMAERE

I—ESPIONAGEM DE ONTEM E DE HOJE. II—A ESPIONAGEM PERANTE A MORAL. III—EFICIÊNCIA DA ESPIONAGEM. IV—ARMAS SECRETAS. V—TINTA SIMPÁTICA. VI—MULLER, O DANDY KOWLAND. ESPIÃO POR AMOR. VII—UM ALFINETE PODE PERDER UM HOMEM. VIII—SELOS E PEQUENOS ANÚNCIOS. IX—A BENGALA DE MR. ARCHIBALD. X—O ESPIÃO-CORBERG DE NANTES E O HOMEM DE PARIS. XI—AS SEREIAS E A MULHER QUE MUITO GOSTAVA DE OVOS. XII—HISTÓRIA DA BELA LIZETE WERTHEIM. XIII—O DÚPLIO ESPIÃO. XIV—MARTA RICHER, A SEREIA FRANCESA. XV—EMA STUBERT, AQUELA QUE BRINCAVA COM O CORAÇÃO. XVI—MATA-HARI FOI PREVENIDA DUAS VEZES. XVII—FRAULEIN DOKTOR, PROFESSORA DE ESPIONAGEM.

UM EXCLUSIVO DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

em base de submarinos, chegavam ao almirantado francês, durante meses, relatos de uma extraordinária precisão. Eis um desses relatórios:

«As oito horas e seis minutos, cinco submarinos, vindos do norte, entraram no porto.

«As treze horas, dois submarinos e dois grandes torpedeiros entraram no porto. Quinze minutos mais tarde, outros dois torpedeiros e quatro submarinos chegaram também. Estes dez navios vinham da direcção noroeste.

«Estão no porto quatro torpedeiros amarrados ao molhe e outros seis flutuando no canal. Dezasseis submarinos estão nos seus abrigos.

«Ad usum Delphini».

A razão de ser das últimas palavras, que significam «ao serviço do golfinho», explica-se pela seguinte circunstância: todas as noites, logo que o agente belga tinha coligido as suas informações, deitava-se a nado (era um atleta excepcional cuja nome brilhara, em tempo de paz, em grandes competições desportivas), para levar as suas observações a bordo de um submarino francês que o esperava a uns cinco quilómetros da costa e cujo nome era «Le Dauphin» —o «Golfinho».

Foi com a vida que este soldado do exército invisível pagou finalmente a sua dedicação à pátria.

«Espíões», homens desta ténpera? Sim, à falta de outra palavra, mas espíões diante de quem se tira o chapéu, respeitadamente.

De resto, para apreciar com espirito de justiça o papel de certos espíões de guerra —daqueles que não agem por dinheiro mas sim por ideal— não é preciso senão ler as linhas assinadas pelo grande Winston Churchill na época em que ele exercia as funções de Primeiro Lord do Almirantado Britânico:

«O agente do Serviço Secreto que não é levado por nenhum motivo interesseiro e que age por puro patriotismo, prestes a cada instante a pagar com a vida a sua dedicação, esse bom cidadão merece não somente a estima mas ainda a admiração dos seus compatriotas que ele serve com tanta abnegação.

«Quem imaginará a agonia do homem vivendo no meio de inimigos declarados, e sempre em constante risco, a toda a hora, por uma palavra inconsiderada, um gesto, uma falta de senso, de ser descoberto e apresentado perante o conselho de guerra implacável? Esta prova não será tão formidável como a do soldado afrontando pela primeira vez o campo de batalha na embriaguês brutal da acção?

«E se se trata de serviços prestados, o paralelo não será muitas vezes a favor do espíão? Um escaecimento chegado a horas pode, por si só, mudar a sorte de uma batalha, às vezes, mesmo, levar uma guerra à sua fase definitiva» (1).

(1) Prefácio em «Souvenirs d'une espionne», de Martha Mc. Kenna (Payot, Paris).

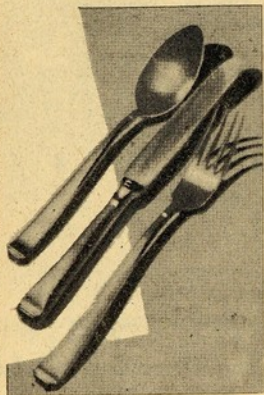
Winston Churchill, em 1914, naturalmente na época em que escreveu as palavras que se transcrevem aqui.



As artimanhas e expedientes de que o espíão se servia, em 1914, levavam-no a dissimular-se no esconderijo de um barco, onde sucumbiu pelo frio. Quando os alemães o descobriram estava morto. (Foto interdita pela censura alemã).

COMPLETO SORTIDO DE

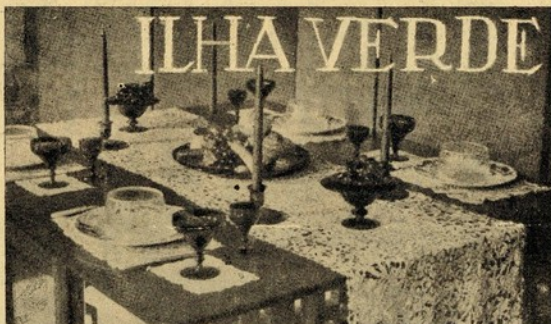
FAQUEIROS PARA MESA
PRATEADOS
ALPACA POLIDA
ALPACA CROMADA
AÇO INOXIDÁVEL,
ETC.



HORÁCIO ALVES, L.^{DA}
43, RUA AUGUSTA, 51
LISBOA TELEF. 2 6247

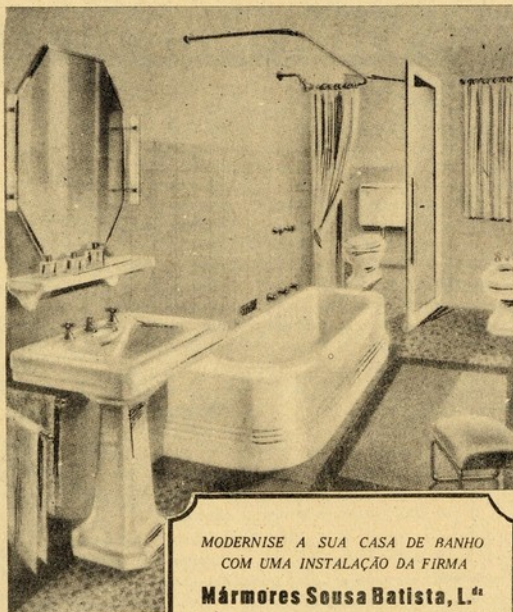


É NA CASA
REGIONAL DA



QUE SE ENCONTRAM OS MAIS LINDOS
E ARTÍSTICOS BORDADOS
RUA PAIVA ANDRADE, 4 (AO CHIADO) — LISBOA — TEL. 25974

LARES COM CONFORTO

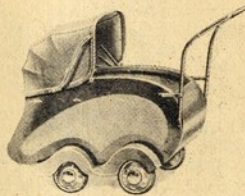


MODERNIZE A SUA CASA DE BANHO
COM UMA INSTALAÇÃO DA FIRMA

Mármore Sousa Batista, L.^{da}

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30
LISBOA ~ TELEFONE 2 7643

CARRINHOS
PARA BEBÉS
E CADEIRINHAS



Fabrinca

os melhores

a pronto ou com
facilidades
de pagamento

J. COSTA & SILVA, L.^{DA}
R. Arco do Bandeira, 79, 1.^o
LISBOA Telefone 2 6713
(atende-se a provincia)



PHILIPS



1945

SONORIDADE PERFEITA

Casa José Costa ~ Radio Luz
Rua de S. Paulo 11-13 — Lisboa Tel. 2 4888



TEL. 25853

CALÇADA DA GLÓRIA

O QUE ME DISSE EÇA DE QUEIROZ ACERCA DO SEU CENTENARIO



ÃO celebrar-se este ano, numa atmosfera de apoteose, os cem anos de Eça de Queiroz. De facto, foi em 25 de Novembro de 1845 — em pleno romantismo — que nasceu, para glória da literatura portuguesa, o grande mestre do Realismo, em Portugal. É um feliz, é um glorioso aniversário que se festeja. Nem todos os escritores chegam a esta idade — um século!

— com a frescura, a cintilação, a mocidade, a actualidade, o espirito resplandecente do autor da *Ilustre Casa de Ramires*. Porque Eça de Queiroz — ainda recentemente o escrevi e agora o repito — Eça de Queiroz não morreu ainda. Pelo contrário. Continua vivíssimo. Vai fazer cem anos e não se lhe conhece uma ruga — nem se lhe descobre um cabelo branco. O seu monóculo continua de quando em quando a pousar no Chiado, com o brilho duma estrela que se não apaga. Os seus livros mantêm inalteravelmente o ar de *vient-de-paraitre*. A distinção da sua figura e a elegância do seu estilo conservam-se, impecáveis, como se uma Primavera eterna desfolhasse sobre elas as rosas duma permanente mocidade. Há quem diga que o acaso é a providência dos jornalistas. Mais do que uma vez me tenho convencido disso. Ainda agora me aconteceu. Atravessava eu o Largo das Duas Igrejas em direcção ao Chiado quando avistei, defronte da porta da «Havaneza», o vulto esguio de Eça de Queiroz que se despedia afectuosamente de Ramalho Ortigão. Aproximei-me com o mesmo alvoroço com que Alberto de Oliveira correu, um dia, no Pôrto, na rua das Carmelitas, para ver de perto o célebre autor dos *Mais*. Eu sabia pelos jornais que Eça de Queiroz estava em Lisboa, mas o que não supunha era que o acaso me proporcionasse, tão facilmente, vê-lo e ouvi-lo. Era o Eça de sem-

pre, alto, distinto, vestindo impecavelmente, o monóculo cintilando-lhe na órbita, e aquêle ar, já notado, ao mesmo tempo olímpico e vencido, desdenhoso e resignado, irónico e melancólico, que foi sempre tão próprio d'ele. Despedira-se de Ramalho e, sózinho, lançava já alguns passos sobre o passeio, quando eu, com a inconsciente coragem de certos heróis, me atravessei à sua frente, de *block-notes* em punho e lhe pedi, como quem pede simplesmente lume para um cigarro, nada mais, nada menos do que uma entrevista. Eça de Queiroz la fulminar-me com o monóculo, mas deteve-se, sorriu e, benévolaemente, respondeu:

— Uma entrevista aqui, em pleno Chiado, o deserto mais povoado do país, não será uma temeridade?

— São apenas algumas perguntas ligeiras, senhor Eça de Queiroz.

— Diga lá, então... O Junqueiro fazia versos, andando; eu não posso conceder entrevistas, parando. E se fôssemos descendo?

A nossa volta, acotovelando-nos, fervilhava o Chiado das seis horas. Lisboa, a Lisboa elegante, passava, num formigueiro imenso e luminoso, sorrindo, espevitando, cochichando. Era de certo modo ainda a Lisboa do *Primo Basílio* e dos *Mais* que Eça retratara em páginas inolvidáveis. Dir-se-lia que o escritor caminhava através da sua própria obra.

— O que pensa, sr. Eça de Queiroz, acerca da próxima comemoração do seu centenário?

Instalou o monóculo, do seu e do nariz:

— Pessoalmente, vem lembrar-me que atingi um século, o que na minha idade é bastante; literariamente, numa terra em que o sentimento pelos homens de letras é o dum burguês pelos belos móveis de cetim da sua sala rica, essa comemoração não pode deixar de me desvanecer... Creio, em todo o caso, que a melhor homenagem que pode prestar-se a um escritor é divulgar-lhe as obras, tornando-as acessíveis ao grande público... A parte espectacular desta espécie de comemorações é, como a liturgia, talvez necessária ao mundo, mas supérflua ao céu...

— Não tenciona então assistir às homenagens que lhe vão ser prestadas?



— Não. Nessa altura estarei tranqüilamente na minha casa dos Campos Eliseos...

— Qual a sua opinião, sr. Eça de Queiroz, sobre os livros, conferências e artigos que vêm sendo publicados sobre a sua pessoa e sobre a sua obra?

O romancista riú.

— Divertem-me. Eu sempre gostei muito de folhetins. Até cheguei a fazer um com o Ramalho... Sim, porque não passam de folhetins, mais ou menos imaginativos, êsses adoráveis e ingénuos livros em que me explicam, me interpretam, me trucidam, me filiam em partidos, me atribuem coisas que eu nunca disse, e me dão atitudes que eu nunca tomei... País adorável, o nosso! Critica-se um bocado de tudo, para matar o tempo! Eu só pergunto como é que os meus biógrafos, pelo menos alguns d'êles, conseguem tirar do seu interior tão assombrosas coisas inúteis?

— A última pergunta...

— Mas isto é um inquérito em forma... É a força com um fio de retroz...

— A sua opinião do «momento universals»?...

— Não é no Chiado, nem do Chiado, que é possível responder... Dir-lhe-ei apenas que êstes tempos que vamos atravessando são um dos grandes invernos do mundo. Dêsse inverno, com as suas misérias, as suas crises, as suas velhas raízes que se despegam, os seus prantos ao vento, surgirá, num alegre ar de Primavera, uma mais viva, mais rica vegetação de liberdades e de noções. Estas, por seu turno, criarão dificuldades novas na sociedade e incertezas novas no espirito. Outra vez voltará o soturno inverno...

Deteve-se um instante. Parámos. E logo concluiu, num vago encolher de ombros:

— E assim aos tombos e aos sócos, ora destraçado, ora reflorido, o mundo irresistivelmente avançará...

Terminara a entrevista. Estavamos a meio do Chiado. Agradei ao romancista e despedi-me. Fiquei ainda a vê-lo, alto, esguio, irrepreensível, na luz doirada da tarde, parecendo confundir-se com a multidão e distinguindo-se dela como o sol que as vespas — míseros insectos — julgam encobrir abrindo as asas...

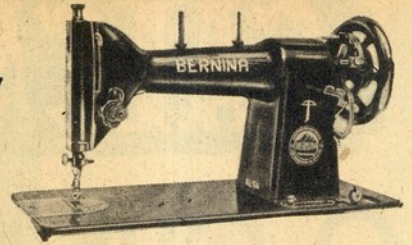
CRISTAIS * TALHERES * LOUÇAS



DO MELHOR GOSTO

"BERNINA,,

PARA AS
PESSOAS
QUE MAIS
APRECIAM UM
BRINDE ÚTIL



"BERNINA,,

A MÁQUINA QUE APRESENTA
O MAIOR NÚMERO DE VANTAGENS

JAMES RAWES & Co.

AGENTES DE NAVEGAÇÃO
E SEGUROS

★

Lloyd's Agents

★

AGENTES DE :

**ROYAL MAIL LINES,
LIMITED**
MALA REAL INGLESA

NORWICH UNION FIRE INSU-
RANCE SOCIETY LTD., BRI-
TISH OVERSEAS AIRWAYS
CORPORATION, etc., etc., etc.

★

R. BERNARDINO COSTA, 47,
1.º — LISBOA

Telefone 23232-3-4 e 8



**GARLAND,
LAIDLEY & C.º
LIMITED**

Estabelecidos há mais de um século

★

AGENTES DE NAVEGAÇÃO
E TRANSITÁRIOS

★

Representantes das
seguintes linhas:

Blue Star Line * Brocklebank
Line * Furness, Withy & C.º,
Ltd. * United Fruit C.º * Booth
Line * Cunard White Star Line
* Lamport & Holt Line *
Yeoward Line.

★

Tr. do Corpo Santo, 10-2.º
LISBOA

R. Infante D. Henrique, 131
PORTO

Vinho do Pôrto "GRAHAM,

DA FIRMA

Guilherme e João Graham & C.

VILA NOVA DE GAIA

Agentes em Portugal e Colónias

Guilherme Graham Júnior & C.ª

LISBOA

PORTO

R. dos Fanqueiros, 7-Tel. 20066/7 ♦ Rua dos Clérigos — Tel. 880/1

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

Capital realizado..... 80.000.000\$00
Fundo de Reserva... 80.000.000\$00

Rua do Comércio, 95 a 119 — Lisboa

Dependências Urbanas

Alcântara, Paço do Bispo, Conde Barão, Almirante Reis e Benfica

Filiais e Agências

Pôrto, Coimbra, Braga, Faro Covilhã, Torres Vedras, S. João da Madeira,
Santarém, Torres Novas, Gouveira, Estoril, Tortozendo, Abrantes,
Mangualde, Figueiró dos Vinhos, Olhão, Mateozinhos, Moura, Guarda,
Espinho, Montijo

TÓDAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS



A Sociedade da Propaganda da Costa do Sol ofereceu, há dias, no Casino Estoril, um banquete de homenagem aos zadrezistas que tomaram parte no 1.º Portugal-Espanha em xadrez. Entre a assistência viam-se o sr. Subsecretário da Educação Nacional, António Ferro e Nuno de Brion.



Desde há dias, está patente na Rua Nova da Trindade, um interessante conjunto de obras de arte, devidas ao pincel de alguns dos nossos maiores artistas plásticos. Esta feliz iniciativa pertence à Galeria Molder e a ela se associou, entre outros, Mestre Alberto de Sousa, que é um dos mais representativos expositores.



Como todos leram nos jornais, o «Islandia» naufragou, há dias, na costa espanhola, perto do farol de Cabo Peñas. Foi um momento trágico na vida dos heróicos pescadores, com o foguete a embater nas rochas. Só a energia dos portugueses e a solidariedade dos espanhóis pôde vencer a tragédia dos pescadores naufragados e que são quantos figuram nesta foto.



O arquitecto Mário de Oliveira inaugurou, há dias, em Coimbra, no Salão de Exposições de «O Primeiro de Janeiro», uma curiosa colecção de desenhos, aquarelas e óleos. Esta exposição provocou os mais lisonjeiras críticas e comentários, sendo o certame, a todos os títulos assinalável, inaugurado com a presença de muitas entidades oficiais. O dr. Paulo Quintela fez, na inauguração, uma palestra de elogio ao novel artista.



No estúdio do S. P. N. I. está há tempos patente uma linda colecção de trajos minhotos. António Ferro, que trouzera já a Lisboa tão lindas colecções de arte popular portuguesa, quis agora mostrar aos lisboetas como se vestem as mulheres do nosso Minho e como são bordados e tecidos esses trajos que lembram rubras papoilas, baloiçando entre triguais. Damos, na foto, um aspecto do acto inaugural, que esteve muito concorrido.



governo enviou, há dias, para os jornais, uma nota oficial: «Manilla, nas Filipinas» não foi só o título de quantos ali foram cevar o ódio dos países em guerra. Havia ali uma colónia de 140 portugueses que não puderam furtar-se aos prejuízos materiais e morais que arrazaram o mundo. Desses homens, 14 ficaram sem vida, muitos ficaram sem lar e ainda outros sem paradeiro certo.

Até que ponto são as nações responsáveis ou os homens que as governam, por esta guerra sem culpa? Gente trabalhadeira e ordeira, a portuguesa, não cabe — e, aqui, o limite geográfico está menos em dúvida do que o psicológico e moral — no seu pequeno torrão. Emigra para fora da pátria, para longe até, das províncias ultramarinas, à procura de uma vida melhor, de uma compensação mais sólida. E fixa-se, então, onde lhe parece que o seu trabalho é mais apreciado e as virtudes da raça de mais bela floração. Em tempo de paz, como em tempo de guerra, são obstinados e lutam. A força que passou sobre o campo das Filipinas vem agora demonstrá-lo: não houve um que fugisse ao seu destino. Todos briosamente ficaram agarrados à terra que prestigiaram, ao lar que construíram, aos interesses que criaram.

Tão belas virtudes, aliás, não são de pamar. O governo, a nação, contam com elas.



LUCILIA SIMOES, FORA DO PALCO, E HOJE ASSIM COM OS SEUS 50 ANOS DE TEATRO



PODIA ter nascido num lindo berço de ouro, embalada por uma aia e ter à sua volta uma corte de gente nobre como ela. Mas a sua estrêla era outra e o seu destino deu-lhe os bastidores e a luz forte da ribalta em vez da luz dos palácios e os reposteiros da corte... Se assim não fosse, naturalmente, não viveria hoje na sua «caixa de fósforos», como ela chama à casa recolhida austeramente num recanto de Santa Catarina...

Quem vê de fora a casa de Lucília julga que vai entrar numa triste sobreloja. Mas é preciso entrar lá dentro para se sentir o conforto e o desafogo de uma casa onde tudo respira arte e uma nobre austeridade. Os Budas que dormem de panchina para o ar, os mármoreos trabalhados por cinzéis históricos, os quadros que pendem da parede e que estão a mirar-se envaidecidos nos espelhos de cristal — tudo isso é que é o «home» da grande Lucília Simões, nobre no porte, na arte e no sangue que lhe corre nas veias...

Podem ser indiscreção. Mas por que não guardar bem tudo quanto os olhos abrangem? Assim, seria bom dizer: há à entrada da casa de Lucília um corredor-museu; a sua sala é uma galeria...

E dentro? Dentro está ela, com um «charme», uma bondade irradiante, uma singela auréola de doçura. É tão simples como a mais tímida das raparigas de hoje. No entanto, é tão senhora e possui tanta compostura como a mais aristocrática das meninas de ontem... Ela, de resto, não esquece o passado:

— Tenho uma memória prodigiosa para relembrar e decorar os papéis. Só o que não sou é capaz de saber onde arrumo as coisas...

Será preciso relembrar a Lucília que em alguma coisa ela havia de ser igual a todas as mulheres? Lucília baixa os olhos, sorridente, e principia... Principia, porque ela sabe que a jornalista está ali apenas para a ouvir...

UMA HISTORIA DE FAMILIA

— Sabe que tem uma história engraçada a minha estreia no teatro? Olhe, eu vou contar-lhe...

E Lucília, que só por si evoca algumas gerações de grandes artistas, sorri graciosamente:

— Que também lhe devo dizer que este apelido de Simões é apenas nome artístico. Meu avô, que teve grande nome, era o velho actor Simões. Os apelidos eram Nunes Borges. Mas minha mãe, para a distinguirem das outras duas Lucindas da época, quando se estreou passou a ser conhecida pela Lucinda do Simões...

Há uma pausa. E é preciso justificar a frase com que abriu esta entrevista:

— Podia ter nascido em berços de ouro...

— Podia. Meu pai era de família nobre. Toda a gente sabe quem eram os Furtado Coelho. E tão nobre era e tão grandes foram os preconceitos da época, que ser artista-cómico enxovalhava os brachões...

Então, meu pai deixou tudo: posição, dinheiro, nobreza. Tinha o seu sonho de artista e foi para o Brasil, a bordo de um veleiro, e fez-se lá actor de nomeada. Imagine, tinha 18 anos quando embarcou! Depois é que a Lucinda Simões, a que havia de ser minha mãe, foi ao Brasil, numa companhia de que o pai fazia parte. E não faz ideia do que foram esses amores contrariados. Minha mãe até foi depositada em casa dos viscondes de Rio Branco, porque o casamento não era bem visto por meu avô... Enfim, as coisas lá se arranjaram, o casamento fez-se e minha mãe ficou no Rio de Janeiro. Nasci eu e nasceu meu irmão. Eramos gémeos, grandes amigos, os melhores confidentes. Entretanto, meus pais fizeram grandes «tournées» a Portugal, onde reafirmaram o seu nome, passaram pela Espanha e pela França... Olhe, minha mãe disfrutava de um grande prestígio em Paris, onde estava relacionada com Zola, com Ale-

UMA VIDA GLORIOSA

50 ANOS DE TEATRO ATRÁVES DE UMA LARGA EVOCAÇÃO DA ACTRIZ

LUCILIA SIMÕES

ONDE SE FALA DA CRISE INEXISTENTE E SE ERGUEM QUADROS DE COMPARAÇÃO SIMBÓLICA

xandre Dumas... «A estrangeira» foi escrita para Lucinda... Mas Lucinda...

Lucília Simões ri e comenta: — Minha mãe era assim mesmo: muito entusiasmo, muita coisa, mas daí a pouco já não se lembrava de nada... Dumas escreveu a peça. Ela é que se esqueceu de a representar...

A jornalista pergunta quando veio para Portugal a futura actrizzinha que está agora aqui quasi a festejar as suas bodas de ouro teatrais, e ela responde: — Tínhamos, eu e meu irmão, e ela responde: — Minha mãe já vinha divorciada. Deixou o nome do marido e regressou ao sobrenome de meu avô. Foi, para nunca mais deixar de ser, a Lucinda Simões...

Lembro-me que foi para o D. Maria fazer o «Casamento de Olympia». Estavam lá os Rosas e o Brazão, e eu assistia sempre aos ensaios...

COMO SE FAZIA HÁ CINQUENTA ANOS UMA GRANDE ACTRIZ

— E desse primeiro contacto nasceu a sua paixão pelo teatro...

— A paixão, o «virus» já existia... Lembro-me de que, nos serões que se realizavam em nossa casa, com um alto nível intelectual, era eu sempre quem lia os trechos escolhidos. E lembro-me de que a família dizia: «a Lucília Cândida tem uma voz agradável. Lê, de facto, muito bem...». Além disso, nesses mesmos serões, cheguei a interpretar o «Médico à força», no arranjo de Castilho...

E ainda a jornalista que faz precipitar as informações:

— Mas... e os ensaios no D. Maria?

— Eu tinha, então, os meus 12 para 13 anos. Assistia, de um cantinho, aos ensaios. E uma vez que o João Rosa se cansava a explicar uma cena à Maria Falcão, cheguei a supor que era capaz de ultrapassar a interpretação da actriz. Do cantinho da minha frisa, eu repetia tal e qual o Rosa dizia... Quando cheguei a casa com a mãe, fui a correr ter com meu irmão e gritei-lhe: «É o que te digo! Sou capaz de fazer aquilo!».

(Como Corregio diante de «Santa Cecília» de Rafael, Lucília gritava: «Eu também sou actriz!».)

— Mas é melhor passar a palavra à entrevistada:

— E claro que houve logo discussão: uns achavam bem, outros achavam mal. A família dividiu-se, mas quem venceu fui eu. Minha de uma família de actores. Podia lá alguém opor-se a que eu desse a minha vida pelo palco? Até a minha mãe acabou por concordar. Mas, então, deu-se uma coisa que muito há-de fazer pasmar os artistas de hoje: não fui logo para o teatro. Preparei-me. Minha mãe falou ao professor Gazul para me dar lições de canto. Veja só: ele ensinava-me há 50 anos aquilo que ainda hoje não se faz no Conservatório, para os alunos do curso de arte de representar: colocação da voz, ensinamentos sobre a técnica das palavradas e dos sons, para que a vibração não prejudicasse a voz e eu não viesse a enrroquecer. Meu avô, esse quis ensinar-me ginástica. Mas, ele que fora militar, não tinha à mão um professor de ginástica. Eram outros tempos.

Lucília puxa de um lençinho de rendas e esconde o riso:

— Como não havia outro recurso, levava-me para o sótão grande e fazia, todos os dias, uma hora de serviço de recruta... Durante 60 minutos virava à esquerda, virava à direita, marchava, que sei eu... Meu avô queria que eu fosse esbelta, desempenhada, com uma caixa torácica bem desenvolvida e uns pulmões fortes e bem alojados...

A PRIMEIRA INTERVENÇÃO DRAMÁTICA

— Com essa bagagem de que os artistas modernos não dispõem, era fácil o triunfo, para quem tinha talento dramático...

— Mas não bastava. A par da educação que todas as meninas do meu tempo recebiam, onde havia francês e piano à mistura, precisava de uma certa experiência. Dois anos andei a preparar-me. E foi então que minha mãe, dando-me como «acabadinha», foi comigo ao D. Maria e pediu que me deixassem fazer o «Frei Luís de Sousa». Pelo Brazão e pelos Rosas tudo estaria bem. Mas a Rosa Damasceno fez objecções: pertencia à escola dos que tinham começado pelo princípio. E, portanto, disse que não, que uma actriz devia iniciar-se em criadilha, levar e trazer cartas, para depois ir subindo seguramente... Quem conheceu o feitio de minha mãe, há-de avaliar o que isto não representava para ela. Ficou desesperada, saiu do D. Maria e disse que havia de formar empresa. E formou. Creio que a 5 de Maio de 1895, apresentávamo-nos em Coimbra, num sarau em que eu fazia a «Maria de Noronha» num dos quadros do «Frei Luís de Sousa». Meu avô também tomava parte no espectáculo realizado no teatro que ainda ali

existia e houve números de canto e recitativos. Coimbra era, então, o mais alto centro da intelectualidade portuguesa. Daí irradiava todo o poderoso valor mental do país. Compreende como era arriscado apresentar-me num espectáculo onde só se viam capas negras...

O TEATRO DE HÁ CINQUENTA ANOS

— E o teatro de profissional, quando existiu para si?

— Logo depois. Viemos para Lisboa e minha mãe colocou-se à frente de uma companhia, na rua dos Condes. Ali estive até 1900. Estreei-me na «Madame Sans Gêne». Veja, com aquela idade, a fazer um papel de mulher de 30 anos! Mas eu andava louca de alegria, por causa da capa de arminhos e da coroa de pedras... Eu sentia, entretanto, que devia libertar-me das indulgências de minha mãe. Para ela, tudo quanto eu fazia era maravilhoso, coltadita... Então, pedi-lhe que me deixasse ficar até 1908 com o Brazão, para me «trabalhar». Eu tinha a consciência dos meus defeitos e ninguém melhor do que o querido mestre para mos emendar...



Era assim a Lucília das «Rosas de todo o Anos», pequenina e insinuante



Mãe e filha — Lucinda e Lucília Simões — duas grandes legendas do teatro português

Podíamos, neste momento, dizer a Lucília: Veja, compare a sua modéstia, a sua consciência, o seu profissionalismo, com a inconsciência dos novos que, mal fazem um papel bem feito, se julgam invulnérveis à crítica dos mestres e autorizados a todos os deslizes...

Mas valerá a pena? Lucília sabe melhor do que todos quanto é fundo o abismo que separa esses jovens das verdadeiras razões do triunfo dramático. E ela, até, que o confirma:

— Augusto Rosa era um grande actor e um grande mestre. Depois dos ensaios em conjunto, ficava sempre as horas que calhava com um ou dois actores, para os «trabalhar». Ensinava-os a articular, a colocar as mãos... A plástica, a plástica, sim, a elegância da figura, os seus movimentos, a linha, em cena, tudo isso era fundamental. Hoje... bem sei que até em sociedade as atitudes são mais à-vontade. Esse à-vontade, porém, no palco, tem de ser dado com um «ar» diferente... O teatro é, para todos os efeitos, e em todos os tempos, uma escola de arte... E o que se faz uma noite deve fazer-se em todas as outras... Minha mãe dizia: representa-se sempre o mesmo, como se fosse um disco!

UM INTERVALO DE DOZE ANOS

Quando o pano desceu naquela noite de 1908, no teatro D. Amélia — o público ficou à espera de Lucília num intervalo que durou 12 anos. Efectivamente, só em 1921 ela regressava. Não que tivesse estado ausente. O seu amor pelo teatro foi sempre um só.

— Lá na Figueira-da-Foz, onde vivi quasi sempre, fiz quanto pude, com a condessa de Vinhó, para que o teatro de amadores, a favor de obras de solidariedade, obtivesse o prestígio que eu acho que deve ter... Depois, a minha vida particular lançou-me de novo no teatro. E cá estou, para nunca mais o abandonar, assim o julgo...

— Os seus êxitos?... — Bem vê... o público é que julga... Mas creio que alguma coisa fiz, representando «Blanchette», «Casa de Bonecas», «Zazá»... Minha mãe introduziu entre nós o teatro romântico. Creio que a alta comédia foi para mim o melhor agente de agrado público...

COISAS E FIGURAS DO TEATRO DE HOJE

Sem dúvida, deve-se a Lucília Simões um prestígio e uma probidade cénicos que é preciso relevar. As suas opiniões, porque se fundem numa honrosa experiência, valem como lição do tempo a ponderar:

— Nunca antigamente ouvi falar de crise de teatro. E hoje não creio nela. Há boas peças, boa representação? Pois aí temos o teatro em forma.

— Mas, para que haja boa representação, é preciso que haja bons mestres...

— E quem diz que não há bons ensaiadores? Robles Monteiro e Francisco Ribeiro não são bons para quem não quiser vê-los como tal. Ribeirinho foi uma surpresa para mim. É culto, sensato, inteligente e artista. Quantas vezes o vejo a dar indicações e penso: «era assim que eu faria...».

— E as peças? Principalmente as portuguesas?

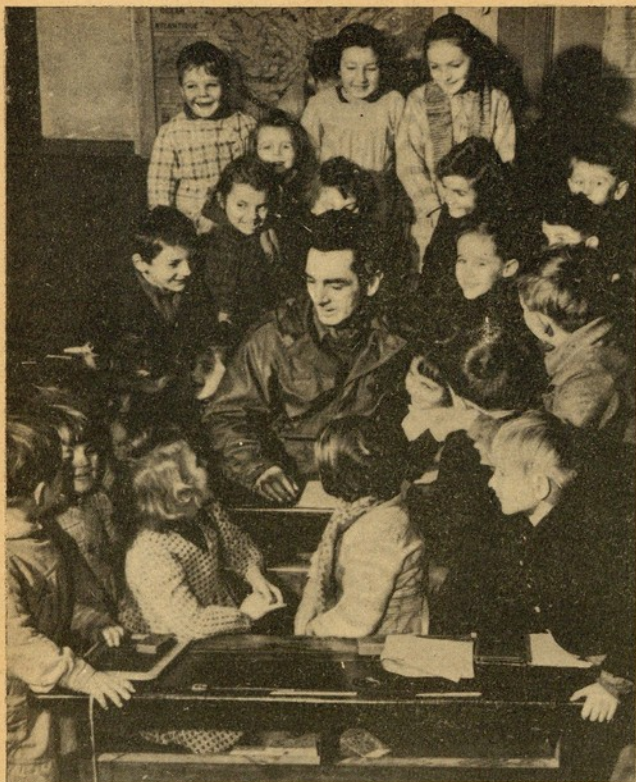
— O público creio que acredita menos no teatro português, não vai lá e as empresas, se perdem com uma peça, ficam em desequilíbrio. Portanto, evitam os originais portugueses. Isto significa que o autor não se treina, não tem experiência... Creio que uma boa acção do Secretariado seria esta: ter um teatro ou financiar espectáculos de todos os géneros para pôr várias peças, em cada ano. Então, mesmo que não dessem, os autores lucravam em experiência, o público habituava-se a ver originais portugueses e as empresas nada perdiam...

Mudamos de assunto:

(Continua na página seguinte)



Na última peça — e que é, também, uma notável criação de Lucília — «Honórias», em «Fanny»



A caminho da escola

Próximo de Estrasburgo — em Magnieres — na França oriental, ainda há pouco liberta, as crianças francesas regressam às escolas, voltam a conhecer o caminho das letras, desaprendido em tantos anos de guerra. Em muitos casos, as caritas são outras — gente nova que nasceu pouco depois da luta, enquanto os outros, aqueles que lá estavam, desapareceram sob a metralha ou fizeram-se homens e defendem a pátria. Na foto junta, vemos um grupo de crianças, rodeando um soldado americano. Pelos vistos, «confraternizam» e entendem-se...



Lucília Simões

(Continua na pag. 15)

— Gostaria de voltar a ser empresária?

— De modo nenhum. Não me interessa. Nunca o fui, de resto, no sentido comercial da palavra. Só tenho saudades do tempo em que trabalhavam comigo artistas como Brunilde Júdice, Irene Isidro, Hortense Luz... Todas elas me passaram pelas mãos e com que ternura e saúde evoco os seus nomes e a sua arte!...

UMA NOTA A FECHAR

Lucília vai, agora, em Abril, cele-

brar as bodas de ouro da sua carreira teatral — carreira dourada que brilha como poucas no nosso meio artístico. A peça dessa linda e excepcional noite de festa será «Circle», onde ela desempenha um papel de seu agrado. O seu camarim, o palco, vão juntar-se de flores, vão desfilar na frente da grande artista os maiores nomes da intelectualidade portuguesa...

E Coimbra? Coimbra, a das capas negras, que lhe abriu o caminho da arte? Não irá oferecer-lhe um espectáculo de homenagem?

Tem a palavra o Teatro dos Estudantes...

M. A.



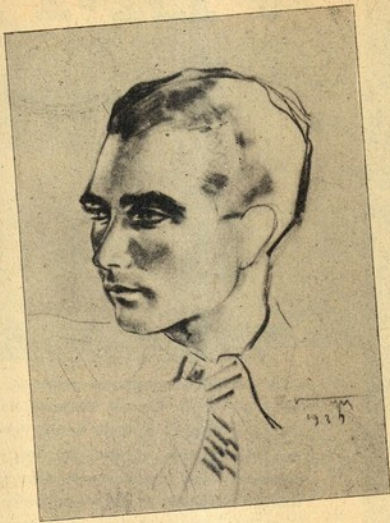
Paris retoma o seu lugar no mundo da elegância

GABY COUTURIER APRESENTOU UMA NOVA COLECCÃO DE MODELOS

As senhoras da nossa primeira sociedade conhecem já o nome desta casa de modas que tem um nome de tão bonito som — e que é Gaby-Couturier. As suas passagens de modelos marcam sempre pela nota de suprema elegância que representam e pelo gosto apurado que evidenciam. Assim aconteceu, por exemplo, com a última passagem de modelos — na tarde de 23 do corrente, na rua Brancamp, 6, r/c., direito — onde a Lisboa elegante mal coube para aplaudir um verdadeiro desfile de sonho. Os mais lindos modelos, alguns executados segundo originais vindos directamente de Paris, vestidos com elegância e distinção, foram a nota dominante de uma reunião caracterizadamente «raffinée».

Paris, como ficou provado nesta passagem de modelos, volta a ocupar no mundo elegante o grande e único lugar de centro de bom gosto e elegância. E esse ceptro cabe-lhe, não só porque possui, de facto, verdadeiros laboratórios de elegância — mas, também, porque o próprio nome de Paris é só por si um mundo prestigioso e de mágica sedução. Paris é sinónimo de graça, beleza, elegância e bom gosto — e nenhum outro costureiro português soube, como Gaby, interpretar tanta virtude clássica da moda. Para o prestígio da casa Gaby-Couturier muito contribue, sem dúvida, a experiência artística de Madame Sarah — um nome que é sobejamente conhecido, pois é Madame Sarah quem dirige os vastos «ateliers» desta excelente casa de modas.

Nas fotos, feitas durante a última passagem de modelos, vemos duas das mais lindas criações da moda.



ONDE SE ENCONTRAM IDEIAS QUE PARECEM ORIGINAIS

SEGUNDO UMA ENTREVISTA COM

ALVES REDOL



ENCONTRAMO-LO all mesmo no voltar da esquina e, de repente, lembrou-nos aquela história do «Anúncio»...

— Olhe lá, Alves Redol, então que há a respeito do seu «Anúncio» e do argumento para uma série de filmes destinados a comemorar o quinquagésimo aniversário do cinema?

— Não há nada. Ou antes: há uma coincidência...

— Há quatro anos, pensei pela primeira vez em escrever um romance cuja mecânica e, até, cujo assunto me foram sugeridos pela minha vida profissional. A casa onde estava a trabalhar pôs um anúncio, pedindo empregado. Pelas funções que desempenhava nessa casa, era a mim que competia ler as respostas, seleccioná-las e avaliar das possibilidades do valor de quem as escrevia. E, pela sua leitura, fiquei em contacto com uma galeria de quadros, de vidas e de casos de facto notável. Pensei, então, que poderia escrever um livro cujo fulcro fosse o anúncio e cujas histórias concorrentes fossem figuras por mim copiadas ou inventadas. No fundo, o que eu pensara era isto: dar o ambiente de um escritório, o despedimento de um empregado, a trajectória do anúncio à procura de alguém que preenchesse a vaga. Então, desfilaria pelo escritório uma galeria de tipos e de casos. Contaria a história de cada um dos concorrentes ao lugar — mas tudo de modo a não abafar o «vedeta» do meu livro: o anúncio...

— Seria um romance?

— Pensei que sim. Mas, precisamente, para que fosse possível dar ao anúncio o verdadeiro destaque, resolvi que fosse uma novela. Falei, então, do caso a um companheiro de trabalho, na mesma casa onde trabalhava. Era o sr. Luís Frederico Mário Viegas, funcionário colonial aposentado — secretário do Governo em África e governador interino do Congo, no tempo de Norton de Matos. Expus-lhe todo o plano de trabalho, cheguei, mesmo, a escrever o primeiro capítulo. E isto foi antes de «Fanga», já se vê...

Alves Redol pára um momento, tira um rôlo debaixo do braço:

— Precisamente, olhe, quer ver? Nesta pasta trago as cartas que dizem respeito a esse anúncio dirigidas à casa onde trabalhei. E, mais, tenho aqui uma série de notas, apontamentos tirados durante a prestação de provas dos candidatos, tudo feito a lápis e em papel do escritório onde trabalhava então. Veja: impressos da Junta de Chanca...

— Bom... e a história do filme?

— Soube pelos jornais e por amigos que foi apresentada a idéia de um anúncio para fazer desfilar várias histórias, contadas de vários modos e por vários escritores. A idéia coincidiu com a que eu tivera quatro anos antes e que desde logo começara a pôr em prática. Vim com o caso a público, unicamente para demonstrar que não fiz nenhum plágio e qu antes desta idéia ser apresentada publicamente já eu a tivera, divulgara em muitas rodas de amigos e começara mesmo a pô-la em novela. Só a não concluí por motivos de interesse editorial. Optei por «Fanga».

TRÊS DAS CARTAS QUE FORAM ENVIADAS, EM 1941 E EM 1942, EM RESPOSTA AO ANÚNCIO QUE INSPIROU A NOVELA DE REDOL. AO CENTRO, ESTÁ A CARTA DE JOSÉ MANUEL FERREIRA.

Alves Redol mostra-nos ainda um apontamento, perdido entre a primeira parte do original da novela — original já amarelecido pelo tempo que desbotou também a tinta. E nós copiamos, de um pedaço de papel que tem por trás, em letras impressas, a freguesia de Chanca: «Anúncio — símbolo dumha civilização que conhece o arranha-céus e a caverna. Feira onde tudo se compra e vende — mercadorias, nomes, máquinas, amor e objectos em segunda mão».

— Com esta nota devo abrir o livro.

E, para reforçar a sua posição de vanguarda:

— Olhe, aqui está até uma carta de José Manuel Ferreira. Respondeu ao anúncio e foi admitido. Esteve lá três anos a trabalhar... Mas há mais: conhece o Francisco José Tenreiro, o autor da «ilha sem nome»? É poeta. Foi uma das primeiras pessoas a quem contei o meu plano de trabalho... Isto, sem falar do meu editor, o Eduardo Salgueiro, a quem aqui há seis meses dei parte do trabalho que tinha na idéia concluir e que ele desde logo aceitou, na intenção de apresentar agora mais ou menos.

— E vai aparecer?

— De certo, em meados de Abril. É um livro de duzentas páginas, mais ou menos, que tenho por assim dizer concluído...

— A que atribue a coincidência?

— A que há-de atribuir-se uma coincidência, senão a coincidência, não me dirá? Não é isto, porém, o que está em causa. O que eu quero é que fique bem assente: não me inspirei em nenhuma idéia alheia para fazer esta novela.

Nós não queremos insistir no assunto. Jornalisticamente falando — Alves Redol tem outras coisas mais interessantes para nos dizer. E esta entrevista, que não devia passar de uma conversa de

Chiado — espalhou-se até às margens do Douro, donde Redol acaba de regressar.

— Então, é verdade que esteve a viver com um barqueiro?

— Nos rabelos, nas companhas, e ainda em Pôrto Manso...

— Vai, pois, escrever um romance sobre o Douro...

— Ou dois. Imagine: um que talvez se chame «Rabelos» ou «Pôrto Manso», a aldeia pequena que é berço de marinheiros e arrais. O outro que falará do problema do pequeno vinicultor, do pequeno produtor de vinhos, esmagado pelo grande produtor...

— O primeiro que será, fundamentalmente?

— A luta, a angústia da gente dos rabelos, em competição com o combóio. Logicamente, o progresso pôs de parte o transporte nos rabelos, porque o combóio é mais rápido e económico. Mas os pobres arrais não compreendem isto. E, então, lutam, lutam. Depois, eles só sabem trabalhar no rio. Não estão aptos para as grandes caminhadas, para outros misteres. Você não calcula que revolução industrial ali se operou, por intermédio do combóio, desorganizando a vida do homem!

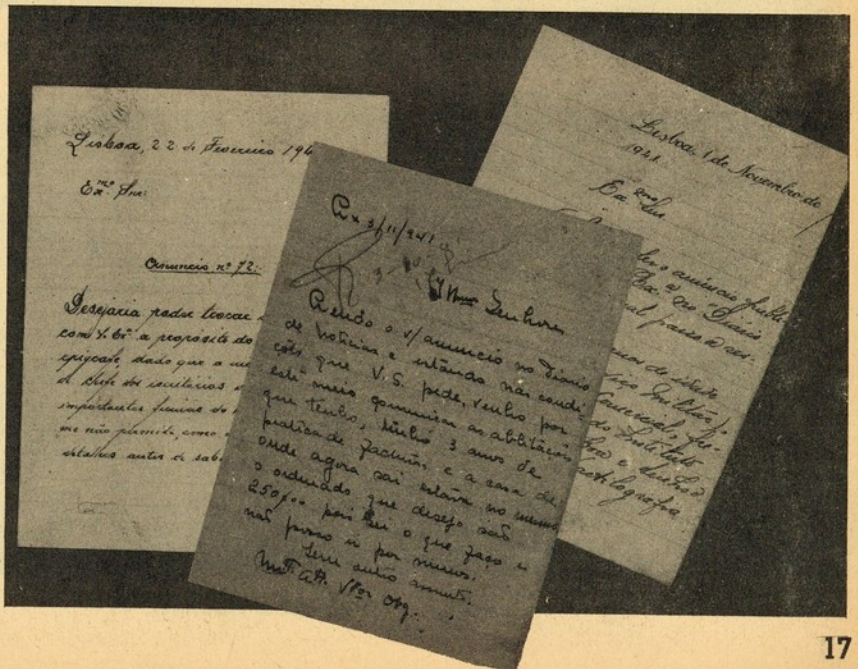
Alves Redol, que arrumou já toda a papelada e todas as idéias do «Anúncio», vê-se bem que viveu a vida da gente de Pôrto Manso:

— Sabe lá qual é o lucro de uma viagem? Seis dias de trabalho dão 60 escudos de férias. E esses 60 escudos não-de durar oito a dez dias. E assim para os marinheiros e para os arrais.

— Já conhecia a região?

— Já. A primeira viagem ao Douro foi em 1943. Mas só agora pude estudar e tomar aponta-

(Continua na pág. 20)



VEM AÍ! TEMPORADA!

2 PREGUNTAS INDISCRETAS E 6 RESPOSTAS CONCRETAS

-Gosta de touradas?
-E de toiros de morte?



A ESTOCADA TEM DE SER CERTEIRA, IMPIEDOSA E VIBRADA COM VIGOR, PARA QUE A MORTE SEJA INSTANTANEA.

A «aficion» começa a agitar-se. O «redondela de Algés e do Campo Pequeno vai viver, novamente, a emoção da festa brava. Pelos vários sectores fala-se, com entusiasmo, dos «diestros», dos ganaderos, dos forcados e do peso fabuloso que os touros atingiram — peso em dinheiro, claro. Os partidários dos mexicanos, os amantes da arte espanhola, que teve Gallo a brilhar como estrela — e os que apreciam a corrida à portuguesa com os cavalos de Nuncio, Veiga e Casimiro, esfregam as mãos, que a época vai começar...

Há quem condene as touradas — como o pontapé na bola, também merece reparos aos que do desporto só acreditam na ginástica respiratória e nas passeatas higiénicas de léguas...

Mes o que é facto é que tanto os touros como a bola arrastam hoje multidões. É o público que vibra. Neste inquérito colhemos algumas opiniões acerca das touradas — e, principalmente, dos touros de morte. São os inquiridos que dizem porque apreciam as touradas, defendendo ou atacando os toiros de morte.

JOSÉ ANDRÉ VOTA SEM RETICÊNCIAS PELOS TOIROS DE MORTE



José André é conhecido de todo o público do «redondela». Entusiasta cem por cento, fundador da Tertúlia Tauromáquica, empresário por «aficion» e organizador do «Colête Verde», é no «Século», onde trabalha, que o vamos encontrar.

— Se gosto de touradas?! Pois claro. A corrida de touros constitui, para mim, a mais vibrante manifestação de arte. Só um raciocínio privilegiado pode compor quadros tão belos, em face da morte, como acontece ao toureiro. Na arte de tourear não pode haver mentiras, não há possibilidades de truques. Por isso, todo o artista que pretende iludir o público acaba por denunciar-se e perder o lugar onde ingenuamente o tinham colocado.

— E os touros de morte? E por eles?
— Evidentemente! Embora admire a perícia e a arte dos nossos cavaleiros que, quando toureiam de frente e «cravam» ao estribo, têm emoção e verdade! Sinto-me arrebatado pelo destemor dos nossos forcados. Pegar de «cara» e de «cernelha» também tem a sua arte, ao contrário do que muitos dizem.
— Mas, afinal: é ou não pelos touros de morte?
— Sou — embora verifique que o ambiente, em Portugal, nem sempre lhe é favorável!

SAMWEL DINIZ GOSTARIA TAMBÉM QUE HOUVESSE TOIROS DE MORTE



No Nacional, num intervalo do ensaio. O actor Samwel Diniz, com entusiasmo, diz-nos logo:
— Gosto imenso de touradas. Vibro — emocionono-me. Sempre que posso, lá vou. É um espectáculo cheio de cor e beleza, que nos contagia pela destreza e audácia dos toureiros.
— E os touros de morte?
— Acho que é o próprio desfecho da tourada. O touro deve ser morto na praça — até para que não sofra a vergonha de voltar às lezírias — e... e...
E voltar à praça, tantas vezes cheio de vícios e matreiro...

ROGÉRIO PEREZ DIZ: NÃO TEMOS TOIROS DE MORTE MAS QUE SE EVITE O ESPECTÁCULO HIPÓCRITA E DESHUMANO DE DEIXAR UM ANIMAL FERIDO!



Preguntar a Rogério Perez se gosta de touradas é quasi uma ofensa. Quando era pequeno, «El Terrible Perez» costumava brincar com um touro de papelão. Depois, pela vida fora foi admirando os touros. Hoje, se os touros tivessem raciocínio e usassem chapéu cumprimentariam, respeitosamente, o crítico n.º 1 da Festa Brava que prepondera no «Diário de Lisboa».

— E pelos touros de morte?
— Claro. Acho até preferível dar-lhe a morte na praça a deixarem-no, depois de picado, arrefecer com

os ferros, as mósas, tudo, enfim, que é barbaridade e deshumanidade. Esse espectáculo hipócrita, que o público não vê, devia acabar. Se não querem que o toureiro mate — abata-se o touro pela C. M. L., acabando-lhe com o sofrimento fora das vistas do público.

TERESA CASAL É PELOS TOIROS DE MORTE



Teresa Casal é uma das nossas primeiras figuras femininas do cinema. Encontramo-la na «Brasileira» numa roda de artistas.

— Adoro as touradas. Tem cor, movimento, vibração! É o espectáculo que mais me emociona. Grito, entusiasmo-me, como qualquer criança do «Sols».

— E pelos touros de morte?
— Como em Espanha, claro. A tourada ganha o seu epilogo verdadeiramente belo. É uma luta de vida ou de morte. E quantas vezes não é o toureiro que fica sem a vida diante do touro?

O DR. BASTOS GUERRA DIZ QUE O TOIRO TEM, COMO A SEVERA, O SEU DESTINO MARCADO...



Batemos ao consultório do dr. Bastos Guerra, ali ao Chiado. Entre a minuta e a crónica alegre do jornal — porque o distinto advogado é dos mais apreciados humoristas, Santos Guerra diz-nos:

— Do ponto de vista especulativo, devo reconhecer que sim. Isto é: como motivo de um belo quadro, descritas por um Blasco Ibañez, comentadas por um Ramalho Ortigão. Assim, vistas do alto, filtradas pela arte, não se pode negar que têm grande riqueza emotiva.

— Então, é que faz restrições...
— Como espectáculo — digamos: do ponto de vista prático — não me interessam. O guarda-roupa, com as suas cores berrantes e as lantejoulas, é pretencioso e completamente fora da nossa época. Num teatro estaria bem. Ao ar livre, parece deslocado. Já alguém disse que nada há mais ridículo que um senhor de casaca a escalar uma montanha: o alpinismo exige outra indumentária. Pois bem: a tourada é, na sua essência, um desporto, com o qual não se conciliam as trancinhas, o calção e meia e outro equipamento complicado dos toureiros. Depois, há a questão da comodidade. Nos lugares do «sols», faz muito calor. Na «sombra» encontram-se muitos «snobs», daqueles que falam a todo o momento na tradição, na coragem, na beleza e em outros valores que não cultivam...
— E os touros de morte?
— Se continúa a haver touradas, é indiferente que se mate ou não o touro, abstraindo, é claro, das razões técnicas. O touro, afinal, é somente um pouco mais que um boi... E o boi tem, como a Severa, o seu destino marcado — no matadouro...

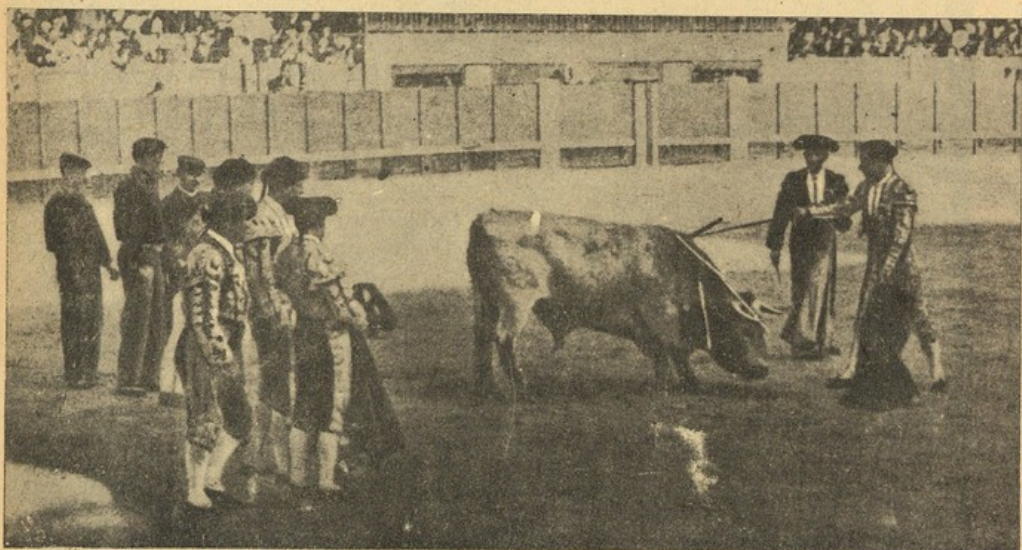
ARTUR DUARTE ACHA AS TOURADAS UM ESPECTÁCULO CINEMATOGRAFICO



O cineasta Artur Duarte foi apanhado no Cais do Sodré. Ia a correr para o Estoril, onde está a filmar a sua nova produção. Por isso foi de fuga que nos disse:
— Os touros, para mim, são dos mais belos espectáculos cinematográficos... Hei-de realizar um filme que tenha por «fundo» os touros. Sou doído pelas touradas... e pelo Benfica!
— E os touros de morte?
— Acho que sim. Touradas fortes, como há em Espanha. É até uma das razões que acredita a «casta» dos touros. O touro não volta a ser corrido — abate-se, e isso é mais humano do que vê-lo sofrer, espicacado.

Este inquérito ficou, naturalmente, incompleto. Que pensam aqueles que dão a vida na arena? Como vêem o touro moribundo aquêles que fixam pelo lápis ou pela cor o emocionante espectáculo de uma tourada com touros de morte?

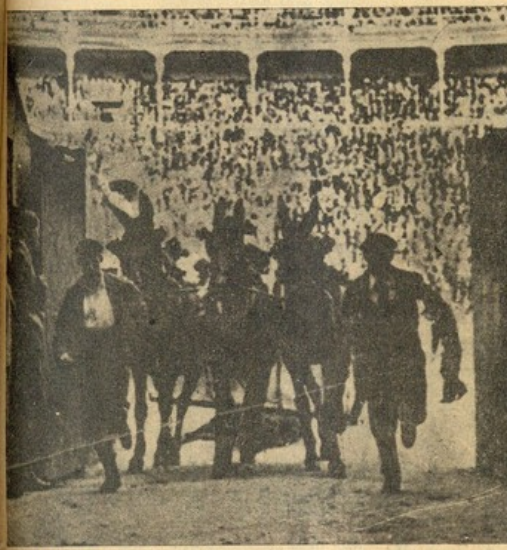
A figura do Conde de Arcos, a tourada de Salvaterra, com os últimos touros a espirrar sangue e um velho nobre a vingar na fera a morte de seu filho, tudo isso paira muito acima das multidões renovadas — e esqueceu. Parece que a grande massa se inclina pela tourada com todos os «matadores»...



Na Praça de Madrid, uma cena movimentada de «toiros de morte». Primeiro uma estocada... e quando a lâmina saltar, o bicho estará pronto para a intervenção do «puntillero».



Nem sempre a sorte está com o espada. O touro arremete, como aqui, nesta colhida espectacular. E nunca se sabe o que vai acontecer depois...



O touro morreu, nobremente, na arena. Foi um momento de emoção que termina com esta cena: as mulas conduzindo o bicho a caminho do «desolladero».



Eles próprios, os toiros, têm os seus ódios, desavenças e desafrontas por nobreza de casta. Eis uma cena de luta de morte.

Para atacar os carros alemães, guardávamos o petróleo e "cozinávamos a papel"!

(Continuação da pág. 23)

estão cobertos de minas. Como pensar numa produção regular? Oh! as pobres parisienses ainda têm muito que se desesperar nas grandes «bichas» ou pedalar na bicicleta para os arredores, à procura de algum ovo que a galinha põs por acaso no caminho... Depois, faltam adubos químicos e os campos de cultura são ainda campos de batalha...

Estamos a falar com uma senhora que, além de gentil — é parisiense. Não fica mal escaminhar a conversa para a arte de bem-vestir. E Simone Bauvoir presta-se aos esclarecimentos:

— A mulher francesa, a parisiense principalmente, nunca se deixa dominar pelas circunstâncias imponderáveis em matéria de elegância. Quando não podia comprar chapéus a vinte mil francos, andava em cabelo, fazia penteados lindíssimos ou punha um turbante; quando não podia comprar sêdas, fazia vestidos de lençóis; quando não tinha outro modo de se calçar, comprava sapatos a 4 mil francos, com altas solas de madeira...

— Como encarava a população de Paris a política de Vichy?

— Mal sabia do que se passava porque estava noutra zona, a ocupada, e faltavam meios de comunicação. Mas julgou poder dizer que, ao princípio, a olhava com expectativa sem se atrever a julgar, e, depois, com desalento. Pétain era uma figura popular e de prestígio. Mas, felizmente, quando se pôde compreender o que se passava, logo o povo, o pequeno burguês e a classe intelectual organizaram sistematicamente a sua resistência.

— Porém, quando Pétain foi a Paris, o povo recebeu-o bem...

— E sempre possível arregimentar crianças de escolas e de uns tantos sindicatos. Pétain sentiu que era assim.

— E foi essa resistência...

— Organizada em toda a França e em Paris, também, que tornou possível a libertação. Estávamos em contacto com os exércitos aliados, por intermédio, principalmente, dos rapazes e raparigas de ligação. O seu papel foi formidável. Entravam nas linhas inimigas, avançavam por toda a parte, montados em bicicletas. A um sinal, tudo se ergueu como uma só voz. Quando não havia armas, porque estas eram principalmente

para os homens, as mulheres e os jovens agarravam em garrafas cheias de petróleo ou gasolina e atravavam — nas os carros. Durante meses, guardávamos o petróleo e cozinávamos a papel... Depois, levantávamos barricadas, acartávamos móveis e erguimos obstáculos à passagem das guardas alemãs. Perto do Senado, os fuzilamentos eram ininterruptos. Mas pensa que alguém recuava? Caíam como torções, sob a fuzilaria, mas havia sempre um que avançava...

— Simone Bauvoir tem uma chama ardente no olhar. Também ela foi para a rua, para as barricadas, lutar pela libertação de Paris:

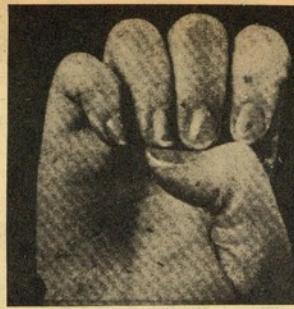
— Ninguém ficou em casa. Ninguém! Faltaram o gás, a electricidade, havia uma batata para cada pessoa? A magra refeição fazia-se «a papel». Durante quinze dias, a vida foi terrível. Mas, nos últimos cinco, foi uma epopeia, qualquer coisa de místico que só Joana d'Arc pudera criar até então, para glória e vida imperecível da França...

— E a vida, sendo tão activa, paralizou...

— Durante esses últimos cinco dias, sim. Todos os estabelecimentos fecharam, todas as repartições encerraram. E, no meio de tanta agitação, reinou a disciplina: nem o saque nem o assalto se registaram. Os jovens, rapazes e raparigas, andavam de bairro em bairro a anunciar onde havia luta e, então, o povo avançava armado, da sua casa envolta no silêncio da distância, para a proximidade da guerra... E era essa mesma juventude, gente das escolas e das oficinas que se unia e punha a funcionar cantinas e Cruz Vermelha! Cinquenta por cento dos resultados da luta deve-os a França à sua juventude! Era ela que respondia às almas ansiosas que perguntavam: «Onde estão a combater? Onde podemos ir dar o nosso sangue pela felicidade de nossos filhos?».

— Simone Bauvoir ergue-se com uma luz forte no olhar. E ela que é autora teatral — val representar, no Vieil Colombier, uma peça de ambiente medieval, simbolicamente denominada «La bouche inutile» — tem uma frase para encerrar a entrevista:

— Davamos todos o sangue pela pátria, cem vezes que pedissem nossas vidas!



Se quiser entender-se com um mudo por meio do alfabeto manual, terá de saber que letra está aqui representada:

D, F, E, C, G, M, ou B?



Medicinal pequena — tubo 10\$50
Medicinal grande — tubo 16\$00
Vulgar pequena — tubo 4\$00
Vulgar grande — tubo 7\$00



O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

Obras de

MARY LOVE

Últimos romances saídos:

Saias de tarlatana

Ela e Eu

CADA VOLUME 12\$00

Outros volumes à venda:

A idade de amar

Anie a preceptora

O segredo de Carla

Serás rainha

Minha mulher é um homem

Quem mora naquele moínho

O meu noivo tem um tio

Olhos de porcelana

Uma mulher nasceu

O Sr. Dr. acusa

A mulher comprada

O teu marido sou eu

Quando o passado voltou

Eu sou a mãe

Casei com uma actriz

Entrou-me um coração pela janela

Sou uma mulher vulgar

O mundo somos nós dois

Achei o meu coração

Troquei a minha mulher

Venho dos braços da vida

Se eu fosse a luz dos teus olhos

A mulher de meu pai

Sou um seu criado

Divórcio

Rapsódia

Eternamente

Cantô da primavera

Já era assim há 100 anos

CADA VOL 10\$00



Em todas as livrarias

Pedidos à Livraria Editora

Guimarães & C.ª

R. da Misericórdia, 68

ALVES REDOL

(Continuação da pág.17)

mentos definitivos. Por causa de andar sempre a tomar notas, chamavam-me engenheiro de pontes...

— E a vida, em Pôrto Manso?

— Uma vida diferente de tudo o que possa imaginar-se. E com problemas diferentes de todos os outros. A aldeia fica cá em baixo. O combóio passa em cima... e quando passa, faz tremer as casinhas humildes e arruinadas, cá em baixo. Como sabe, o arrais pertence a uma casta superior. As filhas pertencem a uma classe, portanto, de «élite» e não se misturam com outras. E como os rapazes, em regra, emigram para o Pôrto, convencidos da inutilidade da luta contra o combóio, as raparigas ficam solteiras. Não há terra com maior percentagem de mulheres sem homens.

— São os fenómenos psicológicos da marcha do tempo e do progresso...

— E há ali muito que observar, muito drama recalçado, muito heroísmo inútil e ignorado...

— E a vida a bordo?

— De sacrifício, de luta, de renúncia. Para fazer concorrência ao combóio, o frete de transporte de pipas é sempre mais barato... Pode calcular o que isto significa? Uma tragédia... maior até do que essa outra em que eu próprio vivi...

— Onde?

— A bordo, porque ia naufragando!

— Então, conté...

— Conto, sim, espere, mas há-de ser no meu livro!

E Alves Redol puxou da bóina basca, enterrou-a na cabeça e partiu deabalada...



O SR. PIERLOT, PRIMEIRO MINISTRO DA BÉLGICA, CONVERSA, AQUI, COM OFICIAIS DA MARINHA MERCANTE QUE TÃO GRANDES SERVIÇOS TEM PRESTADO À PÁTRIA, EM TEMPO DE GUERRA



governo belga, que se estabeleceu em Londres, era o governo de união nacional que se encontrava no poder à data da rendição. Dêle faziam parte representantes de todos os partidos com representação parlamentar. Depois da capitulação do exército e da prisão do rei, esse governo, nos termos da Constituição do país, assumiu a plenitude do poder. Ele passou a ser, por isso, simultaneamente, o poder executivo e legislativo, embora as circunstâncias o tivessem forçado a estabelecer a sua sede no estrangeiro.

Os governos aliados reconheceram, rapidamente, esta situação de facto criada pela guerra e pela invasão. A duração prolongada da ocupação não fêz senão confirmar o seu fundamento moral e jurídico. De facto, os belgas, sem distinção de fé religiosa, de raça ou de credos políticos, passaram a considerar o governo que estabeleceu a sua sede em Londres como o legítimo representante da nação, e era por isso, em nome desta, que ele falava nas assembleias e conselhos internacionais em que a sua voz teve que se fazer ouvir.

Logo em 6 de Junho de 1940, quando a batalha da França ainda estava por decidir, embora já se tivesse realizado a histórica retirada de Dunkerque, o sr. Churchill afirmou na Câmara dos Comuns: «O governo de S.M. britânica reconhece o governo belga que se refugiou em França, como a única autoridade legal da Bélgica e como o único que está autorizado, em nome desta, a assumir compromissos. Escuso de acrescentar que é propósito firme do governo de S.M. restaurar a Bélgica na plenitude da sua soberania e da sua independência, logo que isso seja possível. Estou certo de que o governo francês se associará, igualmente, a esta promessa do governo britânico».

Esta declaração inicial foi, mais tarde, confirmada por duas vezes pelo ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, sr. Eden, num discurso proferido em Mansion House, em 29 de Maio de 1941, e na alocução radiodifundida que dirigiu ao povo belga em 21 de Julho do mesmo ano e na qual assegurou à Bélgica que a Grã-Bretanha estaria indefectivelmente a seu lado até à restauração plena da sua independência.

REORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DO ESTADO

Uma das primeiras tarefas que o governo belga se impôs, logo que chegou a Inglaterra, foi a de reorganizar a administração. Todos os serviços públicos, considerados essenciais, foram reconstituídos com o auxílio de funcionários que haviam sido evacuados do país. Para corresponder às necessidades crescentes da participação da Bélgica no esforço de guerra comum, os vários ministérios e os seus serviços anexos instalaram-se sucessivamente, com o respectivo funcionalismo, na capital britânica.

As diversas pastas foram assim distribuídas para dar satisfação às exigências duma representação adequada das várias forças partidárias e para tornar, ao mesmo tempo, a acção de cada ministério o mais eficiente possível: o chefe do governo,

Hubert Pierlot, assumiu a direcção do ministério da Defesa Nacional; o sr. Spaak, ministro dos Negócios Estrangeiros, acumulou estas funções com a direcção dos ministérios do Trabalho, da Previdência e das Comunicações; o ministro das Finanças, sr. Gutt, assumiu igualmente as funções de ministro para as Questões Económicas; o ministro das Colónias, sr. Wleeschauer, passou a ser, ao mesmo tempo, ministro da Instrução Pública; e o sr. Antoine Delfosse acumulou a direcção do ministério da Justiça com a do ministério das Informações. Foram criados também dois lugares de sub-secretário de Estado, confiados aos srs. Jules Hoste e Gustavo Joassart.

Depois do reconhecimento do governo britânico, quasi todos os países, que tinham representantes acreditados em Bruxelas à data da rendição, enviaram as suas missões diplomáticas para junto do governo belga de Londres. Entre esses países contavam-se a Argentina, Brasil, Canadá, Chile, China, Colômbia, Cuba, Egipto, Equador, Estados Unidos, Grécia, México, Noruega, Países Baixos, Polónia, Dominicana, Checoslováquia, U.R.S.S. e Urugual. A Comissão Nacional Francesa, da presidência do general De Gaulle, também acreditou um representante seu junto do governo belga de Londres. Este, por sua vez, nunca deixou de ter os seus representantes junto dos governos dos países que o reconheceram oficialmente.

RELAÇÕES DO GOVERNO BELGA DE LONDRES COM OS ALIADOS

O governo belga de Londres fêz-se representar em todas as reuniões e conferências inter-aliadas para as quais foi solicitada a sua presença. Dessas reuniões e conferências, as mais importantes foram as que se realizaram em Saint James, em 12 de Junho e 24 de Setembro de 1941, e que serviram, respectivamente, para marcar a solidariedade dos países aliados para a realização dos seus de guerra e para aprovar a Carta do Atlântico que, poucas semanas antes, fôra elaborada pelo Presidente dos Estados Unidos e pelo Primeiro Ministro da Grã-Bretanha.

Em 13 de Janeiro de 1942, realizou-se uma nova conferência inter-aliada no Palácio de Saint-James, à qual assistiram os representantes dos diversos países ocupados da Europa, Bélgica, França Livre, Grécia, Luxemburgo, Noruega, Holanda, Polónia, Checoslováquia e Yugoslávia. Os representantes destes países comprometeram-se solene e solidariamente a fazer julgar os indivíduos considerados criminosos de guerra e os seus cúmplices. Os mesmos países comprometeram-se, além disso, a executar as sentenças a que, porventura, esses julgamentos dessem lugar.

Em 16 de Junho de 1942, o governo belga de Londres assinou com o governo dos Estados Unidos um acordo para que à participação da Bélgica na guerra fossem aplicadas as disposições gerais da lei de Empréstimo e Arrendamento.

Depois da derrota da França, o exército belga que se refugiara em Inglaterra era quasi inexistente. Compunham-no apenas um escasso número de refugiados que, voluntariamente, se ofereceram para continuar no exílio a luta contra o inimigo. Estes elementos na sua quasi totalidade tinham conseguido sair dos portos franceses de Dunkerque, Boulogne, Bordeus e Marselha, antes da sua ocupação. Este núcleo inicial de voluntários foi sucessivamente reforçado pela adesão de novos ele-

HISTÓRIA da nova GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO



CAPÍTULO XXVI PAÍSES OCUPADOS — BÉLGICA

mentos fugidos da Bélgica e que conseguiram alcançar o território britânico. Embora nunca tivesse atingido uma representação numérica suficientemente forte para assegurar a representação condigna da Bélgica, a sua acção revestiu-se sempre de bravura e decisão.

A participação da aviação belga foi, desde o primeiro momento, mais valiosa e eficiente. Os aviadores belgas participaram na batalha da Grã-Bretanha, com uma heroicidade reveladora do seu espírito patriótico. A aviação belga foi reorganizada sob a direcção do general DeBurckel e, progressivamente, os seus serviços foram melhorando e crescendo o número dos seus aviadores, de tal forma que, ao fim de poucos meses, era geralmente considerada como uma força apreciável e eficiente. O recrutamento foi sempre feito em regime de voluntariado.

O governo belga de Londres chamou às fileiras as classes de 1923 a 1941, que se encontravam no estrangeiro, tendo o seu apêlo sido correspondido. Muitos dos recrutados tinham nascido em países estrangeiros, e alguns dêles ignoravam mesmo a sua língua. Mas todos compreendiam a importância da causa pela qual iam bater-se, e não tiveram por isso dúvidas em se apresentar e em fazer, antes de serem enviados para a frente, o treino militar intensivo a que eram submetidos em Inglaterra todos os que desejavam bater-se pelos Aliados.

A organização das forças belgas concentradas em território britânico era idêntica à que oficialmente era adoptada em Inglaterra, sobretudo nos aspectos essenciais do armamento e do equipamento. Mas o seu comando estava exclusivamente confiado a oficiais belgas.

Em 20 de Novembro de 1940, como consequência do ataque feito por navios da esquadra italiana, a unidades da marinha mercante belga, o governo belga de Londres declarou guerra à Itália. Uma das consequências imediatas dêste acto foi a participação do exército belga de África na campanha da Abissínia, facto a que já nos referimos.

Essa participação teve um significado militar e político que excedeu em muito os limites duma simples campanha colonial.

(Continua)

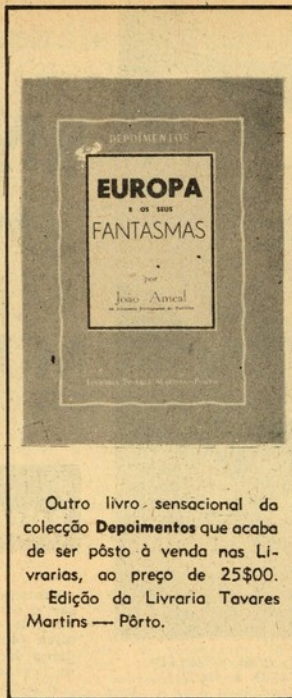
ANTOINE DELFOSSE, MINISTRO DAS INFORMAÇÕES E DA JUSTIÇA NO GOVERNO ACREDITADO EM LONDRES





Morreu Lloyd George

AQUI está uma das últimas fotos do Dr. David Lloyd George, recentemente falecido. Os seus 82 anos resistiram, longamente, aos efeitos de uma vida agitada, cheia de responsabilidades e trabalhos. O mundo pasmou, mesmo, quando viu, há cerca de dois anos, o antigo Primeiro Ministro, chefe do partido radical, ministro várias vezes em governos liberais e responsável pela paz de Versailles — casar aos oitenta anos com uma senhora que passara à sua beira, como secretária, metade da existência. É essa senhora, sua esposa, que se vê na foto ao lado de Lloyd George, recentemente falecido.



Outro livro-sensacional da coleção **Depoimentos** que acaba de ser pôsto à venda nas Livrarias, ao preço de 25\$00. Edição da Livraria Tavares Martins — Pôrto.

MARYSE HILZ

UM NOME FRANCÊS DA AVIAÇÃO MUNDIAL

O primeiro quartel do século xx, época gloriosa dos «raids» da aviação, conheceu, entre os famosos pilotos desse tempo, alguns nomes de mulher: Amy Johnson, Amélia Earhardt, Joan Batten, etc. Entre essas campãs do ar, porém, nenhuma teve uma personalidade mais vinculada por sucessivos êxitos e «records» que Maryse Hilz, francesa, que entrou na Aviação pela porta ainda hoje arriscada do paraquedismo.

Paraquedista, piloto de «raids», navegadora aérea, piloto de altitude, piloto de acrobacia, piloto de velocidade — tudo isto foi essa rapariga extraordinária, que, em cada uma daquelas modalidades bateu «records», alguns dos quais não foram ainda ultrapassados nos nossos dias.

O seu primeiro grande «raid», Paris-Rangoon, em 1930, teria desanimado qualquer piloto pela longa e perigosa série de contratempos e desastres. Mas Maryse Hilz muda de aparelho — troca o pequeno «North» de turismo por um «Farman-291» — e vóa de Paris a Ma-

dagascar. Cai na selva africana em «panne» do motor, mas isso não a impede de atingir o seu objectivo e de realizar o vôo de regresso — quando começou a rodar na erva do aeródromo de Le Bourget tinha acabado de percorrer 24.000 quilómetros!

De então em diante, a existência da aviadora conta um êxito diário: num «Morane-Saulnier 222», de caça, em Agosto do mesmo ano, bate o «récord» mundial de altitude, com 9.791 metros. O caminho do Oriente tenta-a de novo, e, em 1933, faz o «raid» Paris-Tóquio e volta. Em 1933, num «Breguet», volta ao Japão; no vôo de regresso fêz a tricolor francesa voar sobre Pequim, Hong-Kong, Saigon, Calcutá!

Em 1935, bate o seu próprio «récord» de altitude, subindo a 11.289 metros. No mesmo ano, ganha a taça de velocidade «Helena Boucher», ligando Buc a Cannes à média horária de 277 quilómetros.

Em Junho de 1936, volta a bater os seus dois anteriores «records» de

LEIA
TODOS OS
SÁBADOS
Vida
Mundial
UM JORNAL QUE É
UM MUNDO!



Os melhores artigos dos melhores autores transcritos dos melhores jornais dos vários países.

Por um escudo por semana evitará gastar muitos escudos na compra de muitos jornais e revistas.

Compre avulso • Faça a sua assinatura

altitude, subindo num «Poter-506» a 14.310 metros! Nesse mesmo ano ganha outra vez a taça «Helena Boucher», atinge a média horária de 366 quilómetros, pilotando um «Superrapole-Candron 68».

Em 1937, os caminhos do Oriente voltam a atraí-la, e Maryse Hilz bate um novo «récord» de velocidade a grande distância, ligando Paris a Saigon em 02 horas e 31 minutos. Em Dezembro de 1938 vóa até Dakar, e arranca mais um «récord»: o de distância, para monoplace de 0 litros de cilindrado, ligando Istres a Pôrto-Estevão sem escala — 3.250 quilómetros!

E aqui estão, em poucas linhas, alguns factos culminantes da carreira extraordinária de Maryse Hilz, um nome francês da aviação mundial.



JOAL MOVEIS ESTOFOS DECORAÇÕES

Exposição permanente nos seus salões
AV. ALMIRANTE REIS, 233 B — AO ARIEIRO — 4 4033-4 4622

O CAMISEIRO DOS QUE VESTEM COM DISTINÇÃO

THE TYS
RUA DA PALMO, 165-165-A



Simone Beauvoir

PARA ATACAR OS CARROS ALEMÃES GUARDÁVAMOS O PETRÓLEO E "COZINHÁVAMOS A PAPEL"!

DIZ-NOS A ESCRITORA SIMONE BEAUVOIR

PARIS EM GUERRA — A OCUPAÇÃO ALEMÃ E A POPULAÇÃO CIVIL — CHAPEUS A 20 MIL FRANCOS E SAPATOS A 4 MIL — MAIS FILHOS PARA A FRANÇA! — A POLITICA DE VICHY VISTA DA CAPITAL — A LITERATURA DA «RESISTENCIA» — AS CONDIÇÕES ECONOMICAS DO PAIS — A RESISTENCIA BARRICADAS, A LIBERTAÇÃO DE PARIS!



A mocidade francesa foi a alma da resistência e da libertação de Paris

1943 e 1944 — que escreveu os dois livros que põe na nossa frente: «L'Invité» e «Phyrrus e Cinea».

— As relações entre a população civil e o ocupante eram difíceis?

— Não eram. Os ocupantes, o soldado e o burocrata civil, eram delicados, faziam uma vida à parte e não se intrometiam, aparentemente, no lar de cada um...

— Mas o colaboracionismo...

— Existia, principalmente, da parte daqueles que o desejavam prestar. E, neste caso, estava, em regra geral, a alta burguesia conservadora. O povo da França, o povo, o intelectual e o pequeno burguês de Paris nunca entraram no colaboracionismo.

— Do ponto de vista social, a família perdeu no conceito da tradição?

— A família uniu-se mais, sempre que a não obrigavam a separar-se. Como sabe, Paris estava na zona ocupada. Houve deportamentos em massa, alistamentos colectivos de indivíduos que partiam para a Alemanha, sob a promessa de facilitar, com a sua presença, o regresso dos prisioneiros de guerra...

— Mas falava-se dos dramas da ocupação...

— E que dramas! Mas esses não eram os que viam a luz do dia: registavam-se nas trevas das masmorras e eram desempenhados pela Gestapo. No resto, o alemão era correcto, frequentava cafés exclusivamente seus, abstinha-se de se emiscuir nos casos puramente franceses, e só não nos fazia a vida negra, porque ela o era já de facto: o povo sofria toda a espécie de dificuldades, principalmente porque era impossível viver dos campos cansados, com uma produção mínima que, ainda por cima, seguia para a Alemanha, mobilizada pela guerra...

— Perguntamos a Simone Beauvoir — e vem a propósito dizer que, dentro em breve, vai aparecer, em França, a revista «Le temps modernes», com a colaboração de Malraux, Polland e Merleau Ponty, de que será chefe de redacção a jovem escritora que estamos a entrevistar — perguntamos-lhe o que pensa das novas directrizes da literatura francesa, nascida desta guerra, e ela hesita:

— Enfim, creio que é cedo para formar opinião. Há gente nova e gente de nome feito que se deram

as mãos para vencer a grave crise espiritual da França. Apareciam sob pseudónimo, escreviam livros e jornais clandestinos num estilo irreverente e incendiado. Muitos desses jovens do *Franc-Tireur*, de *Resistance*, de *Combat*, de *Lettres Françaises* estão a evidenciar-se. E creio que se fixarão numa corrente que talvez não esteja de todo definida mas que há-de insuflar no espírito da França a coragem, o vigor, a confiança de que

ela tanto precisa para vencer os obstáculos de todos os dias.

Esta conversa que dura há um quarto de hora com Simone Beauvoir não obedece a nenhum plano de perguntas ou respostas. É uma simples «causerie» — e não admira que saltitem os motivos que a determinam. É natural, portanto, que se regresses, agora, precisamente, às dificuldades do passado e do presente.

— As cidades eram as mais sacrificadas. Não havia que comer, as aldeias não chegavam para celear. Depois, havia sempre o obstáculo da mobilização dos alimentos... e a imobilidade dos meios de transporte. A bicicleta foi e é ainda o grande auxiliar do francês sem estradas para automóveis nem gasolina para os motores.

— E o mercado negro?

— Uma praga que nasceu em todos os países com a invenção do racionamento e o controlo da produção... Em França, quem tem dinheiro ainda pode passar bem. Mas como os pobres são em maioria, pode dizer-se que a população caminha para o raquitismo. Talvez não houvesse fome. Mas havia fraqueza, depauperamento, insuficiência, um estado de anemia que está a abrir as portas à tuberculose...

— Mais gente nova?

— Uma percentagem enorme. Parecia que toda a mulher sentia o dever de dar à França mais um filho para substituir o milhão de deportados e prisioneiros roubados à vida da nação.

— Mas com tanta dificuldade, não havia o inconveniente de preparar tristes gerações futuras?

— O que era preciso, em primeiro lugar, era dar mais filhos à França. De resto, as crianças gozavam de uns certos benefícios. Distribuam-se 90 gramas de carne para 15 dias, 1 ovo para seis meses e o leite não chegava. No entanto, as crianças não eram tão duramente tratadas.

— E a produção actual da França?

— Vê-se que Simone Beauvoir abrange, enciclopédicamente, e com uma desventura verdadeiramente jornalística, todos os aspectos da vida actual da sua terra:

— Os transportes estão desorganizados ou ao serviço dos exércitos aliados e os campos ainda

(Continua na pág. 20)



QUI há dois anos, apareceu uma pintora francesa no S. P. N. Tinha o apelido de Beauvoir, mostrara-nos um Algarve novo e maravilhoso, através das suas telas, e não faltou quem supusesse que Helena de Beauvoir era apenas o pseudónimo da esposa de Lionel le Roulet — o corpo e a alma da Revista «Afinidades». Afinal, Beauvoir aparece de novo — não já como apelido de uma

pintora sensível e delicada, mas como apelido de uma escritora vigorosa, de uma conferencista que acaba de passar por Portugal como um raio do espírito luminoso da França. A convite do Instituto Francês, Simone Beauvoir apresentou-se em Lisboa para falar da acção da mulher francesa durante a ocupação alemã. Depois, seguiu para o Porto, repetiu ali as suas conferências que, finalmente, acaba de apresentar em Viana do Castelo. E antes da sua partida para o Norte, ali na casa de seus irmãos, rodeada de quadros e pequenas jóias antigas, que Simone nos fala da sua compatriota. Fala, ela própria, como mulher e como escritora. Foi, mesmo, durante os tempos mais difíceis da ocupação, professora no liceu Camille Seé, em Paris. E foi durante a ocupação — em

Os Campos Eliseos, depois da libertação voltaram a animar-se: tanques, máquinas de guerra, bicicletas, «coups» — e os alegres parisienses...





OVOS DA PÁSCOA

12

A América, ninguém dá amêndoas pela Páscoa. Os ovos, de cores berrantes, recheados de guloseimas de toda a espécie, são tradicionais. Diz a lenda que são fabricados pelos coelhinhos, nos bosques povoados de gnomos e de fadas... Walt Disney, inspirado nesse motivo, mostrou-nos já como são feitos os ovos da Páscoa, caprichosamente pintados com tintas roubadas ao arco-íris, e tonalidades raras obtidas à custa das lágrimas dos pétalos de flores...

Há quem diga também que os coelhos não têm habilidade para pôr estes ovos... E que adoráveis coelhinhos brancos, de pele ora assetinada e felpuda, os fabricam em lindos jardins, no meio dos rosas e das açucenas.

Pela nossa parte, desistimos de averiguar os fundamentos de ambas as suposições. Mas inclinamo-nos para a última, a julgar, pelo menos, por esta foto que Jean Porter nos enviou com os votos de «Páscoas Felizes».

Reproduzindo-o, endereçamos, a todos os leitores, iguais saudações!

CINÉ-LOUCURAS

O

cinema é uma indústria séria, complexa, que exige organização impecável e aparelhagens custosas. As improvisações não resultam. As aventuras só podem desprestigiar-lo. O amadorismo e o egocentrismo reflectem-se gravemente na qualidade do produto. Não é possível fludir, sob o ponto de vista técnico, as obras basilares sem cair no malogrado, mais ou menos absoluto. No que se refere ao aspecto industrial, os riscos e os resultados são idênticos.

No ano áureo do seu cinquentenário, ainda há entre nós, quem esteja convencido do contrário. O cinema para alguns é, quando muito, uma questão de boa-vontade... Não há uma «Debris»? Será um «jinnamo»? Não se dispõe de laboratório? Utiliza-se a «cuvette» onde outrora se revelavam as chapas fotográficas. Uma equipa técnica custa dinheiro! Pois muito bem: dispensa-se, por inútil. Para que utilizar os estúdios, quando se dispõe da «marquise» envidraçada? Laboratórios?! Luz e prosápia. Lá está a tina, na casa de banho, para o substituir. De resto, também não é imprescindível. Se não houvesse tina, tirava-se o bacalhau que estava de molho, no alguidar de barro cozido — e lavava-se, ali, a película...

Em todos os tempos, e em todos os países, houve rapazinhas com idéias, convencidos de que poderiam encontrar soluções económicas de problemas, há muito estudados e resolvidos de forma diferente. Que existam, entre nós, não nos surpreende. Agora, que se trate em pé de igualdade com aqueles que queimam as pestanas e o dinheiro, procurar fazer filmes como deve ser; que se amaciem os seus trabalhos de amador, as proezas cinematográficas caseiras, com o título de «mais um filme português» — isso é que nos parece ainda de tudo o que é justo e razoável!

Procura-se, neste momento, pôr com verdade isenção, o problema cinematográfico português. Declara-se que a indústria, para existir e viver, necessita da protecção oficial. E é nesta altura precisamente que se apregoa ter aparecido um cineasta precoce que resolveu o problema com 14% parte do dinheiro julgado necessário, acumulando todos os cargos de uma organização, desde o telefonista até ao de director de produção...

escreve-se: «mais um filme português!». Como se de um filme, realmente, se tratasse!...

Santa terra esta! Dir-se-ia que o próprio título anunciado está a pesar, como um anátema, sobre os destinos da cinematografia nacional... A cada narmos assim, os alienistas não terão mãos para medir...

FERNANDO FRAGOSO



Em Hollywood também há casais felizes. Damos — e repetimos. Aqui têm, nesta foto, um belo quadro de família — e um casal modelo: Gene Kelly — que ainda há pouco vimos em «A Fada dos Idolos» — e sua mulher, a ex-vedeta de Broadway, Betsy Blair. O pequerrucho chama-se Kerry e parece profundamente interessado por «biberona», que serve com delícia. Haverá alguma galá do cinema português — dos que são «papais evidentemente» — que queira tirar um retrato assim? O modelo aqui fica.

NÃO HÁ AMOR COMO O PRIMEIRO?

RITA Hayworth é uma das mais lindas mulheres da Cinelândia. A sua carreira sentimental, apesar de tudo, não é das mais acidentadas. Casada, durante muitos anos, com Ed Judson, divorciou-se e desposou Orson Welles, o talento mais louco da Cinelândia. Ao que parece, correm rumores de novo divórcio. E Rita Hayworth foi vista no *Cyros*, a dançar com o seu primeiro marido.

Hollywood pergunta o que irá passar-se. E há quem admita a possibilidade de a ver casada novamente com Ed... A julgar pela foto, a expressão dos dois não desautoriza a hipótese. O futuro nos dirá...



A CIDADÃ
Nº 1

PLANOS DE MONTAGEM

● Artur Duarte deve iniciar no próximo mês de Abril, nos estúdios de Madrid, «O Hóspede do Quarto 13». Além de Maria Eugénia e Teresa Casal, terão papéis de relevo dois galãs do cinema espanhol entre os quais Tony d'Algy.

● Prosseguem, activamente, os trabalhos preparatórios de «Missão Branca», de Leitão de Barros. Entretanto, activa-se o estudo do guião de «O Trinca-Fortes», que o mesmo realizador vai dirigir.

● Fala-se, insistentemente, na próxima realização de uma película à glória de Serpa Pinto, o grande explorador africano. O grupo capitalista parece estar constituído.

● A estreia de «A vizinha do Lado» foi definitivamente fixada para Maio, logo que a Companhia dos Comediantes de Lisboa vá ao Porto.

● Já foi passado para a Censura o filme de Santos Mendes, «A Noiva do Brasil», que sucederá, na tela do Tivoli, a «Desde que tu partistes».

● Por ocasião da estreia de «Inês de Castro», virão a Lisboa, em representação oficial, altas personalidades da cinematografia espanhola. «Primer Plano» enviará o seu redactor-chefe, Gomez Tello.

● Consta que está a ser organizada uma nova firma produtora — Invicta Productora Independente — para a qual já estão escolhidos os três primeiros filmes a realizar, que se intitularão, respectivamente, «Mundo Perdido», «Aleluia» e «Se...».

NA América celebrou-se, recentemente, um concurso para saber qual foi a vedeta do cinema que, durante êstes cinco anos de guerra, fêz mais pelo seu País. Dorothy Lamour levou a palma. E conquistou o ambicionado título de «Cidadã n.º 1» de Hollywood. Desde Pearl Harbour, não teve mais um instante de sossego. E sempre que o trabalho dos estúdios lhe permite, ei-la que parte em «tournées», a vender os «war bonds». Ninguém lhe resiste. Os títulos por ela negociados atingem milhões de dólares. E quando se lembrou de leiloar o «sarong», que usou na «Princesa da Selva», foi um delírio! Desde então, Dorothy leiloea todas as recordações que lhe pertencem! E beijos!

A América não esquece o que deve a Dorothy Lamour. O seu exemplo foi seguido pelas outras estrélas. E graças à sua acção e iniciativa, o «esfôrço de guerra» conheceu novo e poderoso impulso.



PASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

palavras CRUZADAS

PROBLEMA N.º 12
(Concurso)

Por José Rodrigues Correia
(Viseu)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — O sol. 2 — Es-

tro poético. 3 — Extorquir. 4 — Cor-
poração municipal; aqui. 5 — Grace-
jar; verbal; constelação austral. 6 —
Ligue; molusco gastrópode; dez vezes
cem. 7 — Em partes iguais; guarne-
cida de arame. 8 — Arranhara. 9 —
De côr média entre o dourado e o
castanho claro. 10 — Elogio.

VERTICAIS: 1 —
Pronome pessoal e
artigo defenido; bôlo
de farinha de trigo
torrado, misturado
com sal, que os ro-
manos espalhavam sô-
bre a cabeça das vi-
timas; o mais. 2 —
Governar (o navio).
3 — Referência a um
trecho ou opinião au-
torizada. 4 — Batrá-
quio aquático. 11 —
Viscera dupla que
segrega a urina; sul-
car; astro. 12 — Uni-
dade das medidas de
capacidade para sólidos,
em Damão; comilão
(fam.); voz de
algumas aves. 13 —
Aspecto; içam; altar.
14 — Deitara no chão
ou noutra superfície.
15 — Estéril. 16 —
Resguardo lateral.

SOLUÇÃO
DO PROBLEMA
N.º 11

HORIZONTAIS:
1 — Parafusavam. 2 — Acotiledono.
3 — Categorizar. 4 — Ilusas; teca.
5 — Folas; casal. 6 — Irar; câs; ri.
7 — Cavaram; paz. 8 — Ara; alisara.
9 — Rameiros. 10 — Oraram; da.
11 — Mesas; sabem.

VERTICAIS: 1 — Pacificaram. 2 —
Acalorara. 3 — Rotulavam. 4 — Ate-
sara; era. 5 — Figas; ralas. 6 — Ulos;
calor. 7 — Ser; camisas. 8 — Aditas;
soma. 9 — Vozes; pas. 10 — Anaca-
rar; de. 11 — Moralizaram.

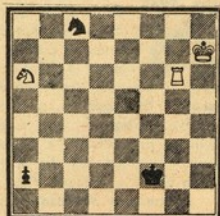
SOLUCIONISTAS DOS PROBLEMAS
N.º 9 e 10

Engenheiro Alfredo José Ferreira
(Pôrto); Nicolau F. Telo de Morais
(Viseu); José Rodrigues Correia (Vi-
seu); António Ilídio Assis da Veiga
(Lisboa) e José da Silva Campos
(Guarda).

XADREZ

ESTUDO N.º 18

Por Barbieri



As brancas jogam e empatam.

DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora

(Espanha)

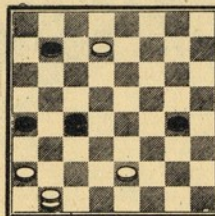
1.º CONCURSO INTERNACIONAL
DE
PROBLEMATAS DE «DAMAS»

COMPOSIÇÃO N.º 51

(Problema)

«La Provincia», 22/3/945
(Las Palmas — Espanha)

Lema: «Gerona»



Mate em 5.

(Secção portuguesa)

1.º «MATCH» INTERNACIONAL
DE JOGO DE «DAMAS»
POR CORRESPONDENCIA

(Portugueses contra espanhóis)

EQUIPA PORTUGUESA



1) Francisco A. Henriques (Almeirim), capitão da equipa portuguesa;
2) José Polónia Figueiredo (Ovar);
3) António Lopes (Ovar); 4) António
Carvalho Rodrigues (Pôrto); 5) Mário
Matos Neves (Ovar); 6) António Ca-
tardino Borges (Pôrto).

Este encontro, que se iniciou em
19 de Fevereiro p. p., e que é o
baptismo internacional dos «damis-

tas» portugueses, está despertando
enorme interesse em todo o país.
Segundo informações que recebe-
mos, terminado que seja este
«match», projecta-se a ida às Caná-
rias a convite dos entusiastas cana-
rianos, de alguns «damistas» lusita-
nos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12

11-15	2-6	4-7
13-3	3-17-30-20-11	32-19-26
	7-14-21-30	ganha.
	P.	

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13

14-25; 16-3; 30-21; 3-17; 32-23;
17-11; 25-7; 4-11 ganham.
32-23; 16-27; 30-23; 26-30; 14-25;
30-11; 25-7; 4-11 ganham.

CHARADAS

RESPONDA QUEM SOUBER

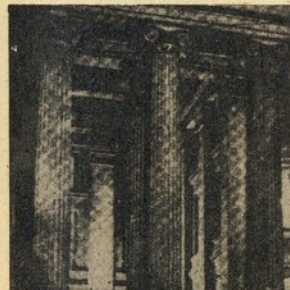
- Qual é a flor que trocando-se-lhe uma letra se transforma num rio europeu?
- Qual é a capital de um país da Europa que acrescentando-se-lhe uma letra se transfira na em perfume?
- Qual é o rio de Portugal que eliminando-se-lhe a primeira letra e acentuando a última, se transforma num instrumento de aço para desbastar metais?

PROVERBIOS A ADIVINHAR

O	C	L	E	A	C	P
1	1	2	1	1	4	2

C	Q	L	N	M
1	1	2	1	2

Q	P	M	C
1	3	2	2



Alguns detalhes desta foto podem servir para lhe indicar se as colunas aqui reproduzidas são em estilo:

Dórico
Coríntio
Jónico
Gótico
Românico
Barroco.



Rugas, manchas, espinhas, pontos
negros, tudo isso é rapidamente eli-
minado com o LAIT DE BEAUTÉ.
estabilizado, recomendado pelos
mais eminentes dermatologistas.
Verdadeiros milagres se têm dado
com a aplicação d'êste leite, que
transforma uma pele velha e aper-
gaminhada numa tez de radiosa mo-
cidade, admiravelmente aveludada.

Por isso o LAIT DE BEAUTÉ passou
a ser para as nossas elegantes o
«dernier cri» dos produtos de beleza.

L.T. PIVER

ESTÁ SATISFEITA A SUA CURIOSIDADE!

DETECTIVE

PREÇO
1\$50
AVULSO

REALIZAÇÃO LITERÁRIA DE REPÓRTER MISTÉRIO

aparecerá finalmente em Abril!

UM JORNAL ÚNICO
NO SEU GÉNERO
EM PORTUGAL

TERROR! ★ EMOÇÃO! ★ MISTÉRIO! ★ CRIMES!
HEROÍSMO! ★ ESPIONAGEM! ★ CRIMES CÉLEBRES!
REPORTAGENS! ★ INQUÉRITOS! ★ CONCURSOS!

Tudo isto e muito mais no 1.º número de

DETECTIVE

O GRANDE SUPLEMENTO POLICIAL DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

Distribuição gratuita aos assinantes desta revista.
Avulso: 1\$50. Faça desde já a sua assinatura e receberá duas publicações — em vez de uma!

i Desportos!

O esforço desordenado que os desportos exigem do organismo, necessita de ser compensado proporcionando aos músculos e aos nervos o alimento adequado.



A força e resistência combativas demandam músculos sólidos e potentes



A precisão dos movimentos obriga a uma concentração de todas as energias



A agilidade e a rapidez de acção exigem uma perfeita harmonia entre músculos e nervos



A elegância de movimentos requiere a máxima elasticidade



O equilíbrio e a velocidade em baixas temperaturas produzem um maior gasto de energia



A velocidade exige um conjunto muscular resistente e bem tonificado



O impulso e o domínio requerem uma perfeita coordenação nervosa

A sensação de fadiga, a diminuição de força motora, de elasticidade nos movimentos, de agilidade, de energia, são os sinais de alarme pelos quais o organismo anuncia uma perda de resistência.

Se notar qualquer destes sintomas recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.

Um breve tratamento com 4 comprimidos diários, restituir-lhe-á o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico, tornando-lhe o desporto fácil, agradável e de uma real utilidade para a saúde.

Consulte o seu médico e peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero
À venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO

Cabelos cheios de sol



«Lavolan-hulle», em cinco minutos apenas, transformará a sua cabeça. Os cabelos tornar-se-ão brilhantes, livres de caspa e saudáveis. Usado no banho, com cinco grammas apenas, consegue-se uma pele repleta de saúde e palpitante de beleza. Faça uma experiência. Frascos para 10800, 15800 e 25800. À venda nos bons estabelecimentos. Laboratório RUDY — Rua de Santo Ildefonso, 29 — Porto. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F. L.ª, Rua dos Fanqueiros, 135, 3.ª D.ª — Telefone 4 3582.

H. VAUTIER & C.ª



MÁQUINAS
E ACESSÓRIOS
PARA A
INDÚSTRIA

CASA FUNDADA EM 1897

O Livro do Momento
**A PRIMEIRA ALIANÇA
PORTUGUESA**

por RAFAEL MARÇAL
À venda em todas as livrarias
Uma magnífica edição de
VIDA MUNDIAL

Manuel M. Marques
SUCESSOR DE
Manuel Marques & Adrião

★
FUNDADA EM 1913

Serralheria Mecânica,
Civil e Artística,
Estruturas metálicas,
Soldaduras a autogénio e electrogénio.

19, RUA NOVA DO DESTERRADO, 21
LISBOA

CARAS QUE VALEM FORTUNAS



teatro e, dentro deste, a comédia, nestes tempos da rádio e do cinema, é ainda um dos mais lucrativos negócios de arte. Os «gagmen» — os homens que fazem e inventam «gags» — suam as estopinhas para arranjar as pladas que os actores consomem numa noite de espectáculo. Deitando uma vista de olhos para estes populares artistas americanos, alguns deles já nossos conhecidos até do «écran», podem os portugueses sentir como os «yankees» hão-de rebolar-se de riso. São caras que vieram do teatro burlesco, do «vaudeville», do «cabaret» barato — e valem hoje fortunas, porque auferem grandes ordenados e fazem a riqueza dos empresários. Vamos lá a apresentá-los...



Conhecem-no? Se calhar não. E, no entanto, é o mais célebre no mundo do cinema, do teatro e da rádio. Apostamos que não descobrem que este infeliz espapacado no chão é o famoso Bob Hope?



Este é o Jack Benny que, apesar de novo, é já veterano. Veio do «vaudeville», e é um dos ídolos da rádio: entretém-se a lançar piadas aos amigos e camaradas... Não é bonito, isso não, mas tem olhinhos marótos...



O material de que Red Skelton's se serve para obter resultados cómicos é, nesta foto, uma faca enorme... e uma ridícula expressão de surpresa. Com este arzinho pode supor-se que êle hã-de ter grandes admiradores, não é verdade?



Outro grande cómico é William Gaston. E abstinção mas tem, talvez por isso, uma grande piada quando faz de bêbado. Vendo-o aqui, ninguém pode deixar de considerar como deve ser terrível um homem assim influenciado pelo álcool...



Jerry Colonna, de farta bigodeira, é engracado, não é? Parece que está a comer bolinhas de chocolate. Na entanto, a sua especialidade não é comer — mas cantar baladas sentimentais numa terrível voz de falsete.



Também Bert Lahr veio do «vaudeville» e da comédia. Hoje, porém, é artista de «music-hall». Oh! os seus trejeitos com a boca! Vejam só que caras feias êle é capaz de fazer, só para disparar uma espingarda... de pau!



Outro que o cinema trouxe até nós: é Robert Benchley. De escritor humorístico passou a actor. É o homem das confusões, das trapalhices, dos discursos de charlatão.



Pois, para acabar, aqui está o Groncho Marx — um dos três irmãos Marx que o cinema nos deu a conhecer. É um «barra» para ditos de espírito e jogo de palavras. Principalmente, gosta de falar de «sex-appeal» — um atributo que lhe sobra, como os leitores hão-de verificar, olhando bem...